

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

IVANILDO FRANZOSI
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil

Entrevistado – Ivanildo Tajra Franzosi (IF)

Entrevistadores – Anna Beatriz Sá Almeida (AB) e Laurinda Rosa Maciel (LM)

Data – 11/12/2001

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 2h42min

Responsável pela transcrição – Angélica Estanek Lourenço

Responsável pela conferência de fidelidade – Gissele Viana Carvalho

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

FRANZOSI, Ivanildo Tajra. *Ivanildo Franzosi. Entrevista de história oral concedida ao projeto A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil*, 2001. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 76p.

Data: 11/12/2001

Fita 1 – Lado A*

AB - Projeto: A História da Poliomielite e de sua Erradicação no Brasil. Entrevista com Dr. Ivanildo Franzosi, entrevistado por Anna Beatriz Almeida e Laurinda Rosa Maciel, dia 11 de dezembro de 2001, fita 1. ENSP. Ivanildo, vou tirar o doutor.

IF - Hum?

AB – Vou tirar o doutor na hora de conversar. (risos)

IF - Claro. Eu acho um absurdo inclusive, o doutor.

AB – (risos) Ivanildo, a gente sempre começa as entrevistas pedindo para pessoa contar um pouquinho para gente da sua infância, do seu ambiente familiar, se a família era grande...

IF - Hum, hum.

AB -... Se tinham pessoas ligadas na área de ciências...

IF - Tá.

AB - Como é que foi esse teu...

IF – Basicamente era família pequena, eu só tenho uma irmã, inclusive, bem mais velha que eu, minha irmã é oito anos... Quer dizer, bem mais velha, oito anos, mas oito anos, né, já dá para falar “bem mais velho”; e na realidade meu pai nunca, não é dessa área, meu pai é um jornalista, minha mãe trabalhou até um pouco..., começo do casamento e depois parou de trabalhar; a minha irmã é formada em Secretariado, antigo Secretariado que existia antes e fez línguas inglês, francês e trabalhava como secretária executiva. Mas eu tinha, eu sempre gostei de..., sempre fui curioso nessa área assim de biologia, medicina, etc, etc., e tinha um tio de minha mãe que ele era formado em medicina e engenharia, morava no interior de São Paulo, numa cidade chamada São José do Rio Preto, e eu quando era pequeno ia passar férias lá, e ele tinha um laboratório no fundo de quintal, da casa dele.

LM – Hum.

IF - E eu ficava lá, ele criava ratinho, camundonguinho e eu alimentava ratinho e camundonguinho e gostava. Aí ele abriu, uns anos depois, eu continuava freqüentando as férias lá, ele abriu um banco de sangue, então o banco de sangue tinha um laboratório e aí eu

Legenda:

- Itálico: palavras estrangeiras citadas textualmente; títulos de obras
- Sublinhado: palavras ou expressões citadas com ênfase;UJ
- []: palavra(s) acrescidas na conferência de fidelidade;
- [inaudível]: palavra ou trecho inaudível ou ininteligível
- ... : pausa ou murmúrio durante a entrevista;
- : pausa longa durante a entrevista.
- (risos), (tosse), (choro): registros diversos de sons coletivos (equipe e entrevistado).
- (INTERRUPÇÃO DA FITA): registrar os momentos de interrupção da gravação.

já enfiava o olho no binóculo... Oh, no binóculo, no microscópio e etc., e sei lá, acho que fui me acostumando na...

AB – Vocês moravam...

IF - Morava em São Paulo.

AB – São Paulo

IF - São Paulo, capital, nasci em Santos, até os cinco anos em Santos, depois São Paulo, mas sempre...

LM – Sempre...

IF - As minhas férias sempre divididas em Santos e São José do Rio Preto, e esse meu tio, acho que..., e esse meu tio tem três filhos e os três são médicos, né? Então, sei lá! Eu acho que contaminei um pouco, foi minha primeira contaminação, pelo menos positiva, né.

AB – Foi essa, sem dúvida. E a... a... no colégio ainda, pensando o primeiro grau, segundo grau, o teu interesse pela biologia era...

IF – Ah, sempre, sempre era, sempre gostava muito mais de física, quími... Física e matemática para mim era um inferno no ginásio e científico, na época, não é? Era infernal. Falava em física e matemática era de... acabava. Chegava perto no final do ano eu já estava sempre com nota baixa, mas biologia eu era sempre razoável e tal. Então, sei lá, tinha já essa, essa facilidade ou eu gostava mais, então aí você se dedica um pouco mais...

AB – Dedica mais.

IF - Então parece que fica mas fácil. Mas física e matemática era um inferno, mesmo na faculdade foi..., que deu física não sei o quê, eu sempre me confundia.

AB – É, porque aí na faculdade você optou por biologia.

IF - Foi.

AB - Você não pensou em medicina...

IF - Não... Pensei, pensei, pensei, mas tentei até o... uma vez e entrei em biologia, depois que estava fazendo biologia, eu fiz uma outra vez o vestibular e entrei em Taubaté em medicina, mas num... Fiz, fui lá e me matriculei, fiz lá os primeiros meses e tal, mas realmente não...

AB – Ficou claro...

IF - Não entusiasmos, é, não entusiasmos...

AB - Que o teu interesse era a biologia mesmo.

IF - É, é, quer dizer, mesmo... eu, era biologia, mas eu sempre gostei mais do bicho homem, da parte humana, né? Tanto que na faculdade a coisa que eu adorava era essa parte mais ligada a biologia humana, fisiologia, lá... etc., etc. E quando laboratório de anatomia, sempre me candidatava para ajudar a mexer nas peças, era meio maluca a coisa, mas também nunca fui mais do que isso, sempre passei ali na média, sabe, não fui assim: “Oh... Aluno”, não, tá. Fui uma porcaria.

AB – E você foi fazer Biologia onde?

IF - Eu comecei na USP, tá, quando se chamava, Escola... História Natural.

AB – Hum, hum.

IF - Mas por problemas pessoais, em casa, de família, me obrigaram, ali era basicamente o dia inteiro, não dava. Eu tive que trabalhar, eu tive que sair e fui para uma faculdade particular, embora eu estivesse, a gente estivesse com problema de recurso, mas eu tinha muito mais problema de tempo disponível do que de dinheiro. Aí eu fui para uma particular e fiz, e fui ser motorista de táxi, à noite, quer dizer, parte da tarde, à noite e de madrugada para poder resolver a crise da família.

AB – (inaudível).

IF - Dirigir táxi era uma maravilha.

AB – E essa faculdade particular era onde?

IF - Em Guarulhos, fora do distrito.

AB – Fora do distrito.

IF - ... E lá eu me interessei também, lá começou o pessoal a trabalhar com pesquisa doença de Chagas. Aí eu pedi para ser auxiliar de laboratório, então eu limpava o laboratório, na realidade não foi auxiliar, eu limpava o laboratório depois do trabalho. E aí eu fui indo e comecei até..., e fui promovido a... Como é que chama dar manutenção nos barbeiros, fui eu que fazia, preparava as caixinhas de diagnóstico, né, botava naquela caixinha com filózinho, etc., etc., e aí mais ainda você vai, né? Pegando...

AB – Isso, pegando, vai entrando na rotina desse trabalho.

IF - É, é. E eu sempre gostei, agora foi uma pena, talvez eu atrasei um pouco, podia ter feito Saúde Pública antes, eu fui fazer Saúde Pública mais tarde, mas em função desses problemas todos aí... Cada coisa na sua hora, não tem jeito.

AB – Na sua hora. E aí você acabou se formando mais ou menos em que...

IF – Eu me formei em setenta... Que pergunta, e agora? Em 75...

AB – Mais ou menos.

IF - 75, 75, foi em 75, é.

AB – E aí você chegou logo depois que se formou a trabalhar com Biologia?

IF -... 75, não. Fui, fui, eu fui professor do colégio Rio Branco lá em São Paulo, que é um dos colégios tradicionais lá, pertence ao Rotary Clube. Eu fui substituir um professor Tabor, que era um pesquisador e ele sempre viajava, em determinado período do ano ele viajava e eu fui ser substituto dele e... infelizmente ele morreu no antigo Sri Lanka, não antigo Sri Lanka, não, hoje é Sri Lanka, antigo Ceilão, sei lá como é que chama. E aí eu fiquei lá, dava aula para o ginásio e científico, sempre em Biologia, Ciências para o ginásio, Biologia para o científico. Depois dei aula em faculdade, não sei o quê e passei para cursinho que pagava mais na época, né? Tinha aquela moda, o objetivo, aquela coisa toda, aí eu dei aula em cursinho. E... em 76 peguei hepatite, aí perdi as aulas que já eram provisórias do Rio Branco e do cursinho (risos), fiquei quatro meses de molho.

LM – De molho.

IF - Aí, aí, voltei a procurar e respondi a um anúncio no jornal, o Estado de São Paulo, uma câmara de jornal estava lá: “precisa-se professor de Biologia no Nordeste, mandar currículo para caixa postal tal” Eu pá, fui parar em Parnaíba no Piauí.

LM – Nossa senhora!

IF - Já ouviu falar de Parnaíba?

AB – (inaudível).

IF - Han?

AB – Nunca fui, mas já ouvi falar.

IF - Então, onde tem o delta do Parnaíba ali e tal. Eu também não sabia onde era, quando eu recebi uma comunicação em casa dizendo que tinha sido aprovado e se eu me disporia a ir para Parnaíba... “Onde? Paraíba” Falou: “não, Parnaíba”, “Paraíba”; “não, Parnaíba”. Eu disse: “Nossa Senhora”. Aí eu fui lá para pontinha lá, Parnaíba, aí fiquei lá 76, setenta e... Um ano basicamente, um ano e pouco, dava aula numa escola particular, que o dono da escola era um milionário local, que ele via a evasão de jovens para vir para São Paulo, Rio, Belo Horizonte para estudar, fazer o segundo grau etc., e não voltam. Então, ele abriu uma escola boa...

AB – Que diminui esse...

IF - Trouxe um diretor da França, um brasileiro que trabalhava em Bordoux, trouxe professor de São Paulo, de Rio, para ter uma escola que ele chamava de modelo, para ver se a juventude local ficava lá para estudar e ficava lá na cidade num... não é?

AB – Isso.

IF - Então fiz parte desse pequeno processo.

AB – Era uma maneira de fixar as pessoas sem precisar que elas se ausentassem...

IF - Isso, exatamente, exatamente, isso, exatamente. Então, foi interessante, é. E comecei, não me contive, dava aulas de Biologia, Ciências, e naquela época tinha lá Saúde, tinha um nomezinho lá, que se chamava lá de Saúde, né? E aí comecei a fazer trabalho de campo com os alunos, e aí me envolvi lá com... No delta Parnaíba tem várias ilhas e uma delas, uma ilha onde tinha um sindicato de plantadores, de cortadores de palha de carnaúba, e me envolvi com eles; aí ajudei etc., e comecei a escrever para Brasília, para o Ministério da Saúde pedindo ajuda.

AB – Para esses...

IF – É, para ajudar essa situação e tal. Aí fui estreitando laços com o Ministério da Saúde assim...

AB – Com o Ministério da Saúde

IF - ... pedindo ajuda.

(INTERRUPÇÃO)

AB – E aí retomar com você, essa sua ligação com o Ministério da Saúde.

IF - É, eu comecei, como eu estava falando, quando eu me envolvi... Primeiro, eu comecei a levar aluno para, para campo para ver as condições de saúde, de higiene, etc., etc. Tudo, que eu achava, né? Que a minha formação era só aquela acadêmica, tal, não tinha nada...

LM – É

IF - Mas tinha bom senso, tinha aquilo que se aprende em casa, uma série de coisas, de leituras... E aí eu me envolvi com, falei com o pessoal do sindicato dos cortadores de palha de carnaúba, que era o forte da economia...

LM – Sim, região produtora de carnaúba.

IF – É, e eles eram muito carentes e a gente começa a se envolver, ajuda aqui, ajuda ali, e aí eu comecei a escrever para o Ministério da Saúde pedindo apoio, etc. E aí estabeleci assim, meio que um caminho, não é? Até que um dia mandaram lá um médico da Fundação SESP para perguntar que é que tinha, o que é que eu queria que tanto eu escrevia para o Ministro.

AB – (risos) Que o ótimo que ajudaram...

IF - “Não, eu quero ajudar o pessoal aqui, vocês mandarem mais material...” Eu sabia que a Fundação SESP tinha material de educação e saúde e tal.

LM – Hum, hum.

IF - É o máximo que eu podia fazer assim era orientar os caras, não é? Dar uma melhora assim, pelo menos nessa parte de orientação. Bom, e aí passou, nos ajudaram, realmente a Fundação SESP entrou, mas eu comecei a ter problema de... de continuar lá, eu comecei a me indispor um pouco com políticos locais, quando você começa a mexer muito num lugar desses...

LM – É, tem razão.

IF - ... “O que é que esse cara está querendo?” Eu não queria nada na realidade, mas, até que eu chamei o governador da época que foi lá fazer um discurso, na presença do prefeito, eu a ofendi a digníssima mãe do governador e fui preso (risos) e aí acabou o meu período...

LM – Em Parnaíba.

IF - ... em Parnaíba.

LM - Puxa vida.

IF - E por acaso, vocês vão ver a ligação daqui a pouco, esse cara chamava..., mas não precisa fazer parte da entrevista não, mas só para vocês terem...

LM – Hum, hum.

IF -... de como é que a coisa é complicada na frente, Dr. Dirceu Arcoverde governador do Piauí.

LM – Ah... Arcoverde.

IF - Dirceu Arcoverde, Dirceu Arcoverde.

AB – Olha só.

IF - Bom, aí eu vim embora, vim embora, voltei para São Paulo (inaudível - barulho na gravação), aí voltei para São Paulo... Eu já tinha casado, não é?

LM – Do Piauí até (inaudível)

IF – É, eu fui... (inaudível).

LM – Mas na volta eu já estava desempregado mesmo. Eu saí de lá com o fundo de garantia (inaudível) Parnaíba, Fortaleza, Natal. E (inaudível) aí encontrei na rua assim, o Paulo, colega conhecido, “onde é que você anda?” Em Parnaíba, isso, isso, isso, (inaudível). Meu pai precisa de alguém como você. “Quem é seu pai?” “Ah, meu pai é o assessor do Ministro lá, eu vou resolver esse negócio. Vem cá, vem cá”. Aí nós fomos na casa dele, para saber (inaudível) Dr. Celso Soares (inaudível) Brandão, “Pai, um amigo meu está aqui, esse é o perfil do cara que você está procurando, quando é que ele pode entrar?” “Ah! Segunda-feira? Tá! Segunda-feira, ele vai estar aí” (inaudível).

LM – (inaudível)

IF – Olha só... Bom, aí lá fui eu para Brasília, tinha marcado às dez horas da manhã, eu cheguei no Ministério, cheguei na rodoviária às seis horas da manhã, fui direto para o Ministério. Fiquei esperando no 5º andar e pedi para aqueles senhores que ficam ali, “bedeu”, né?

LM – Hum, hum.

IF – Falei: “você conhece o Dr. “Brandão?” ”Ah! Claro, claro”. ”Quando ele chegar você me avisa?” “Aviso, sim”. Eu fiquei sentado lá no sofá, sentado esperando, dormindo, não é? Aí deu umas quinze para às nove, chhh, desce assim um baixinho, bem maluquinho assim, suspensório... Sabe, Mister Magôo? Idêntico.

LM – (risos)

IF - Idêntico

LM – Com aqueles óculos (risos).

IF - Com óculos e tudo. Aí, com as mãos assim no suspensório, né. Aí o “bedeu” disse: “Oh! Esse aí é que é o Dr. Brandão.” Eu corri atrás. “Dr. Brandão!” Ele olhou assim para mim, olhou para cima, que ele era baixinho. “Eu sou Ivanildo, o Celsinho falou com o senhor...” “Ah, sei”. Aí ele pega do bolso assim um (incompreensível), um relógio enorme...

LM – Ahn...

IF - ... Abre assim: “não são nem nove horas, eu marquei com o senhor às dez” Eu falei: ”ih! Caramba, não, tudo bem, eu sento ali...”

LM – Espero.

IF -... não tem problema nenhum”. ”Não, não, já está aqui agora, vou fazer o quê?” E foi resmungando. Eu falei: “Meu Deus do céu...”

LM – Nossa senhora.

IF - Se é que havia alguma chance, acabou de acabar.

LM – A chance acabou de acabar (risos)

IF - Aí entrei na sala dele, era do lado do gabinete do Ministro, aí ele falou: “me dá o seu nome completo e tal, eu já ouvi esse nome por aqui” “Ih, cara... “ Claro, eu mandava as cartas para o Ministro.

LM – Você reclamava para caramba (risos).

AB – Era ele como assessor do ministro...

LM – É, que recebia...

AB – Que recebia os seus pedidos...

LM – As suas reclamações.

IF - Olha...

LM – Gente, que mundo pequeno, né?

IF - Que mundinho pequenininho, não é? Aí ele falou assim: “espera um pouquinho que eu vou despachar com o Paulo”. Paulo era o Ministro, Paulo Viana Machado, e “psss...”, foi embora. Mas, meia hora depois voltou assim, eu já estava ali sem nada para fazer, ele pegou um calhamaço, parecia uma tese, um negócio desse tamanho, assim. Ele estava responsável em implantar a rede nacional de laboratório de saúde pública.

LM – Hum, hum.

IF - E depois veio a se transformar em Divisão Nacional de Laboratório de Saúde Pública.

LM – Tá.

IF - Aí ele pegou e me deu, mas um negócio desse tamanho; juro, um negócio dessa largura assim. Ele disse: “vai lendo isso daí”.

LM – Ai, ai, ai.

IF - Li aquilo, não estava entendendo nada daquilo e leio, leio, e o cara ficou horas lá com o Ministro e horas, e foi aparecer na sala de volta quase meio dia, eu já estava, já tinha acabado de ler, já tinha tomado não sei quantas águas, morrendo de fome... Aí ele chegou lá e sentou: “Já conheceu minhas secretárias?” Eu falei: “Não senhor” E falei: “Ih... Esse cara é louco, eu não quero ficar aqui, eu quero ir embora daqui “

LM – (risos)

IF - Aí ele pegava assim e meteu a mão no bolso: “essa é a loira e essa é a morena” Eram duas agendas, uma amarelinha e uma preta. Eu falei: ”É louco mesmo, preciso sair daqui”.

LM – (risos) Essas eram as secretárias dele?

AB – As secretárias.

LM – Duas agendas, uma loira e a morena.

IF – Aí, ele pegou, tirou o paletó, sentou e disse: “Bom, leu?” “Li”. “O que é que você achou?” “Dr. Brandão, meio complexo”. Ele disse: “Muito, você sabe fazer o que está escrito aí?” Eu falei: “de maneira alguma”. Ele disse: “Está contratado”.

LM – (risos)

IF - “Mas dr. Brandão, eu falei que não sei fazer isso.” Ele falou: ”Por isso mesmo, que se falasse que sabia, é mentira, porque o único que sabe fazer isso aí, sou eu! Porque eu escrevi isso, é da minha cabeça, da minha cabeça e do Ministro. Então, só eu e ele sabemos fazer isso, nós estamos precisando de gente que esteja disposto a vir, aprender e ajudar a fazer esse negócio. Você topa?” Eu falei: ”Topo.” Fazer o quê? Então foi uma coisa muito maluca, entendeu? Quer dizer, eles já tinham ouvido falar e eu conheci o filho dele, quer dizer, nem sabia que o pai do Celsinho trabalhava em Brasília com Ministro da Saúde. Então, caí no Ministério da Saúde...

AB – Dessa forma.

IF - Dessa maneira doida. Ele falou assim: “Pode começar amanhã” “Não, Dr. Brandão, estou chegando de São Paulo, tenho que ir para São Paulo, pegar roupa, meu carro, voltar, não sei o quê...” “Te dou uma semana para você estar aqui de volta” Eu falei: “Tá bom”.

LM – Nossa senhora.

IF - Aí eu saí e ele falou assim: ”vem cá, vem cá, vem cá, tem mais alguém assim que nem você, que não sabe nada disso?” “Eu falei: ”não “ “Tem ou não tem?” Eu falei: “tem” ”Quem é?” Eu falei: “Ah, Dr. Brandão é complicado, é minha esposa...” Ele falou assim...”

LM – Não tem nada complicado.

IF - Posso falar o que ele falou?

LM – Pode.

IF - “Vocês vão trepar em cima da minha mesa?” Eu falei: “não senhor” “Então, está contratado também”.

AB – (risos) Pode deixar que a gente tira isso daí. Não fique preocupado.

LM – (risos) É.

IF - Então, uma coisa muito doida, entendeu.

LM – Nossa.

IF - Eu peguei o ônibus de volta assim, não acreditando no que estava acontecendo.

LM – É.

IF - Volteio e fui lá. “Vamos embora, vamos embora. O homem vai contratar, vamos embora”. E quem me contratou na realidade foi o antigo, e até hoje conhecido, José Carlos Seixas, que era o secretário executivo do Ministério.

LM – Hum, hum.

IF – Me tornei amigo do Seixas, ele é que..., né? Ele sempre me ajudou muito, me protegeu para caramba lá. E começamos a trabalhar com, aqui na Divisão, não é?

LM – Isso.

AB – Na Divisão Nacional de Laboratório

IF – Me botou de chefe de serviço de supervisão e laboratório...

LM – Do laboratório de Saúde Pública.

IF - Que ela foi criada em seguida essa..., essa Divisão, em julho de 77 ela foi criada. Eu estive lá com ele no comecinho..., finalzinho de junho começo de julho, que estava voltando do Piauí, começo de julho, e logo em seguida foi criada essa Divisão com esses dois serviços, ele deu uma chefia do serviço para mim e a chefia do outro serviço para minha esposa da época.

LM – Hum, hum.

IF - E foi embora, começamos a trabalhar e ele ensinou tudo que você pode imaginar, é... técnica, ética, tudo que você pode imaginar esse velhinho... Ele me adotou na realidade, entendeu?

AB – E era uma pessoa que...

IF - E ele foi substituído em 79, na mudança do ministério...

LM – Isso.

IF - Quando foi para lá Risi etc, etc., ele era o diretor da Divisão de laboratório. Quem chegou lá para substituí-lo, o meu compadre que trabalha aqui embaixo no terceiro andar, que é o Jorge Bermudez, diretor da Escola.

AB – Olha só.

IF - Então eu tive a sorte de até não ter...

LM – Não ter uma ruptura muito grande de uma passagem de um ministério para outro.

AB – Que você já era...

IF - Não, não, eu conhecia assim, de reunião e tal. Então, mas ele já sabia que eu estava lá, que para ele seria..., indo para lá, “bom, segurar esse cara aqui que ele tem história”.

LM – Lógico.

IF - E aí começou todo um negócio...

LM – Para dar uma continuidade, né? Nessa Divisão.

IF - Isso, isso. Então, foi legal, entendeu? Mas esse velhinho ensinou tudo, tudo, tudo, tudo, tudo assim, como fazer funcionar aquele negócio, como entender e como...

LM – Que coisa.

IF – Foi um negócio bacana, né.

LM – Hum, hum.

IF - E ele foi embora de lá...

LM – Isso no governo Geisel ainda...

IF - Foi no governo Geisel. Não, já passando...

LM – 77.

IF - Já era Geisel ainda.

LM – Era Geisel.

IF – Era Geisel, depois é que entrou o Figueiredo.

LM – O Figueiredo.

IF - Então foi bacana, o velho foi um...

LM – Hum, hum.

IF - E ele me levava sempre toda semana para falar com o ministro. O ministro também era uma pessoa muito carismática, uma pessoa muito forte, Paulo Viana Machado, foi um grande ministro, né? Então foi bacana o negócio, mas foi assim, completamente maluco a chegada ao ministério, foi uma coisa que não... Você conta, parece piada, mas foi um fato. A coisa aconteceu assim, o que eu posso fazer? Claro que teve antecedentes de eu mandar carta para lá enchendo o “saco” (risos). É você?

LM – Lógico.

AB – Já ficou marcado.

IF - Bom, é.

AB – Mas e diga uma coisa, Ivanildo, essa lógica de montar uma rede nacional de laboratórios...

IF - Hum, hum.

AB – Para você pensar essa rede, você tinha que ter um contato muito grande de como é que era a realidade desses laboratórios no país todo.

IF - Pois, é. Aonde existia, porque na maioria não existia. E aí tinha uma briga muito forte com a Fiocruz, porque a Fiocruz, a nível federal, era a grande referência em laboratório, não importa se estava capilarizada ou não. E o Dr. Brandão, e na época o próprio Ministro Paulo Almeida Machado, eles eram oriundos de São Paulo e da rede do Adolfo Lutz.

LM – Hum, hum.

IF - Então, eles fizeram uma..., essa rede de laboratório foi baseada toda no modelo do Adolfo Lutz.

LM – Certo.

IF - Então, o próprio Adolfo Lutz, junto com outras instituições, estados, universidades e tal, ele já tinha mais ou menos um diagnóstico da situação no país e a idéia era implantar, pelo menos, se já existisse reforçar e se não existisse implantar um laboratório central em cada capital. Os que já existiram, já existiam, por exemplo, o Rio Grande do Sul já tinha PB, mas recebia reforço...

LM – Sim.

IF -... de recurso, equipamento, etc. Já no Piauí não tinha “bulhufas”, então, né? Foi criado...

AB – Estruturado mesmo.

IF - Achar lá um local, compra tudo...

LM – E com isso você tinha que ir aos locais onde não existisse (incompreensível). Ia viajar à beça, né?

IF - Ia laboratório central, laboratório regional e laboratório local. Então era uma rede enorme.

LM – Imagino.

IF - O local chegava a mil quatrocentos e tantos laboratórios locais, era um negócio monstruoso, e naquela época descentralização era palavra..., era criminosa, proibida. Era tudo centralizado mesmo.

AB – Hum, hum.

IF - A gente imprimia os formulários dos resultados dos exames em Brasília e mandava para o laboratório no interior do Acre. Quer dizer,...

LM – Nossa!

IF - ...era uma coisa maluca, né? Então foi instalado uma rede que tinha isso, era treinamento de pessoal, equipamento e material de consumo durante um tempo para eles...

LM – Hum, hum.

IF – Não é? Se...

AB – Essa, essa estrutura que você está colocando, né, que tanto equipamento como material, como recursos humano é um volume de verba muito grande.

IF - Era, era, mas não sei te dizer...

AB – Era uma opção do ministro, quer dizer, era um carro chefe do ministério naquele momento.

IF – Era, por quê? Porque o Ministro Paulo Almeida Machado foi diretor da rede Adolfo Lutz; Dr. Brandão foi diretor do Adolfo Lutz, lá de Taubaté, quer dizer, então eles tinham essas coisas no sangue, né?

LM – Certo.

IF - E a gente, até as compras eram todas centralizadas, todas licitações a nível nacional, que era uma loucura.

LM – Em Brasília e vocês remetiam para os municípios.

IF - É, comprava 500 autoclarde?, “putz”, desse pequenininho, era uma loucura, mas também naquela época não era tão fácil comprar autoclarde? no Acre ou Roraima, também tinha esse problema, entendeu? Hoje a coisa é um pouco mais...

LM – Hum, hum.

IF – Não é? 20 e tantos anos depois é diferente a... a situação do país...

LM – De modernização...

IF - Antes não, você comprar panela de pressão, você conseguia talvez agora. Por exemplo, quando a gente ia para o Acre naquela época, 76... ou 77, 78, a gente ligava para o pessoal da SUCAM, né? Que dava apoio para gente, e eles pediam para gente levar tomate, ovo, parara, parara... Que lá era peso de ouro quando tinha. Então, a gente saía de Brasília com seis quilos de...

LM – Uma feira (risos)

IF - Uma feira.

LM – Uma cesta básica.

IF - Quer dizer, então imagina você encontrar autoclarde? lá.

LM – Não, não.

IF – Realmente tem essas dificuldades...

LM – Aí, nesse sentido, era até bom ser centralizado, porque aí você acabava suprindo as deficiências regionais.

IF – Verdade, isso. Mas tinha problemas também, chegava o negócio para montar...

LM – Lógico, demora.

IF -... Chegava em Rio Branco, agora para montar nos municípios; época de chuva você não transita no Acre porque o solo não tem pedra, é tudo lama, né? Então as estradas vão tudo embora, então a gente montava laboratório de monomotor. Quer dizer, caríssimo montar um laboratório desses; saía de monomotor de Rio Branco para ir numa cidade a...

AB – Ribeirinha.

IF -... a 150 km dali, que rapidinho, em 1 hora e meia se fosse um lugar civilizado você estava, ele... Aí você pode falar: ”por que você não vai de avião?” É só você olhar no mapa do Acre...

LM – As distâncias.

IF -... As cidades são assim, ó... Não, as cidades são nessa linha e os rios são assim.

LM – Hum, hum.

IF - Então, para você ir de uma cidade para outra, você tem que subir não sei quantos dia um rio para descer não sei quantos dia o outro; uma cidade que está a 100 km, 150 km.

LM – É, é.

IF - Não sei para quê, mas... foi conquistada pelos gaúchos dali. Então teve essas experiências como você estava falando, que eu conheci o país inteiro...

LM – É, imagino.

IF - ...montando, montando laboratório... Ia lá supervisionar, vê, vê se tinha chegado o material, se o pessoal já estava treinado, fazia, via o funcionamento, etc., etc. Então, foi o início assim, mais profissional mesmo em saúde foi esse daí, o aprendizado com o velhinho. Esse..., apesar dele ser um ditador, um reacionário, o diabo, mas foi...

LM – É um grande herói.

IF -...Um cara assim que me deu, né? Todo...

LM – Foi uma mudança muito grande, né, Ivanildo, porque trabalhar com essa pessoa e numa cidade como Brasília, também, né?

IF - Foi bravo.

LM - Você recém chegando, Brasília na... meados da década de setenta não era o que é hoje. Então, todo mundo fala, né, que conheceu...

IF – Não, faltava tudo.

LM -... que a cidade teve um impulso muito grande agora nos anos noventa.

IF – Não, hoje é uma coisa espetacular, mas era bem árida. Foi bom, mas...

LM – Ah! Claro.

AB - Um desafio e tanto.

IF - Um aprendizado, né?

LM – Lógico.

AB - Um desafio e tanto. Você colocou a questão do Dr. Bermudez substituir o Dr. Brandão.

IF - Isso.

AB – E ele substituiu o Dr. Brandão na organização e na criação da rede.

IF - Isso, exato.

AB – Porque você em 79 era diretor da Divisão.

IF – Então, porque antes do Bermudez chegar, que eu já estava tendo...

AB – Foi substituindo...

IF - Eu fui ficando para a turma que estava vindo chegar, que estava chegando no final de 79, saiu aquele ministro chamado... Mário “não sei das quantas” Castro Lima, um baiano, que quando foi tomar posse foi todo de branco, estava aquela...

LM – Pai de santo.

IF - ...Tomou posse no pronto socorro, né?

LM – (risos)

IF - E ele ficou pouco tempo lá, o Castro Lima ficou de... março a outubro..., tá? Com o Figueiredo.

LM – Com o Figueiredo, é.

IF - E em outubro então, Castro Lima caiu, e quem vem para o Ministério, agora vocês vão ligar de novo o nome a pessoa...

AB – Arcoverde.

IF - Valdir Arcoverde, irmão do Dirceu que eu xinguei a mãe. Quer dizer, eu xinguei a mãe dos dois. Eu falei: pronto, se ele descobrir agora...

LM – É, pois é. A mesma mãe, né. (risos)

IF - ...tudo que eu fiz até agora... (risos) Mas tudo bem foi, muitos anos depois eu contei para ele.

LM – Ele não sabia?

IF - Não.

LM - Que bom, né.

IF - Que bom, também achei. (risos)

LM – (risos)

AB – Mas então, nesse período que estava o Dr. Castro Lima no Ministério, o senhor ficou...

IF – Não, era o Dr. Brandão, eu fiquei aqui... É, foi, foi, foi, foi,...

AB – Né? Como diretor. Aí, logo depois...

IF - O Dr. Brandão estava meio... ele não queria ficar, então ele foi embora para Taubaté e eu fiquei diretor e às vezes quando ele vinha... Quando o Jorge chegou lá, o Brandão foi...

LM – De vez.

IF - Não, inclusive para passar para o Jorge e tal; ele fez questão de..., de, de ficar lá um mês e tal e passar o diretor...

AB – Passando o cargo, o serviço, a estrutura, a idéia, né? E tudo.

IF - Isso, isso.

AB – E você que não..., que não conhecia ainda o Jorge, quer dizer, o que é que foi esse novo trabalho, esse novo...

IF - Ali foi uma coisa...

AB – Era uma nova equipe...

IF - É, é. Eu me assustei um pouco, que foi a primeira mudança, né? Porque quando o Castro Lima chegou, não mudou nada, deixou o Dr. Brandão lá. Então, o Dr. Brandão ia embora, me deixava lá, eu ficava de diretor, aí eles mandavam vir... Então, aí pronto, chegou uma turma absolutamente nova e aquela história que eu falei agora a pouco, quem chegou lá foi SESP, antiga Fundação SESP, que tinha toda uma estrutura muito bem organizada, profissionais, assim, da maior competência, e Fiocruz também através do Jorge e do Schatzmayr também que chegou junto ali também dando uma série de apoio, etc., etc. Então, eu falei: “bom, eu estou perdido, isso aqui não vai dar”. Mas eu já tinha visto o Jorge, assim, poucas vezes, mas a gente... Então, quando ele chegou lá foi assim, uma coisa muito...

LM – Tranqüila.

IF - Tranqüila. Inclusive, a gente é muito..., não só somos amigos como muito amigos, né? Ele é padrinho da minha filha e a gente tem uma ligação muito forte e começou ali, a gente... Sabe quando bate?

LM – É.

IF - E ali veio até hoje... Então, para mim foi bom, e a transição também de sair, eu fiquei pelo laboratório durante um tempo. Então, quando começou o movimento todo da pólio... através dessa coisa toda.

AB – Conta esse movimento da pólio.

IF - Pois é, inclusive é uma das coisas que eu vou falar amanhã, porque eu estava falado para ela, para Anna, que eu não posso falar amanhã na campanha sem colocar isso, o que veio anterior, porque foi exatamente com a mudança, com a chegada da Fundação SESP, que antes tinha delegação no ministério para trabalhar com epidemiologia, o ministério não trabalhava com epidemiologia, delegava para o SESP. Aí a SESP veio para dentro do ministério assumir a Secretaria Nacional de Ações Básicas, aí foi com o Dr. Risi, foi secretário nacional de Ações básicas; aí veio com apoio todo do Fernando Gomes, que era o “cabeça” aqui na área de epidemiologia aqui no Rio, da SESP, levou o Orlando Piajara?, levou Cláudio Amaral, levou Beloto. Então todo esse pessoal, veio aquele reforço, então, que muda o enfoque das naveas, não é? E passa a ter essa coisa forte. Já outra corrente SESP, antes era São Paulo, porque na época que o Risi foi, quem era secretário nacional? Era o Edmundo Juarez, de novo, que foi o criador da SNABS, Edmundo Juarez.

LM – Hum, hum.

IF - Que veio a morrer agora com dois anos, não é? Como presidente da FUNASA, e tinha também aquela ligação com São Paulo, a Escola de São Paulo, Adolfo Lutz, etc., etc. Então, aí veio, aí foi a grande mudança, aonde realmente a Epidemiologia veio para dentro do Ministério da Saúde.

LM – Certo.

AB – Você acha que esse movimento de levar a Epidemiologia para dentro e trazer a Fundação SESP, isso era a linha do trabalho do Arcoverde, era uma...

IF – Claro, claro. Foi, foi por quê? Porque o Arcoverde era da Fundação, né.

LM – Hum, hum.

IF - O Arcoverde é sespiano.

LM – É.

IF - Ele fez toda a carreira dele de sespiano, no Rio Grande do Sul, apesar dele ser piauiense, né? Ele fez a carreira dele no Rio Grande do Sul, aonde a Fundação SESP era muito poderosa...

AB – Muito forte.

IF - ... forte. Até hoje você tem pessoas aí... (incompreensível), Airton Fischmann, que estão por aí, é... Ciro Quadros, etc., etc., etc., entendeu? Quer dizer, então era uma escola, né? Então, e o Risi era..., não aposentava, mas era daqueles sespiano assim, né, que... O sespiano era além de capacitado, ele era..., vamos dizer assim, disciplinado.

LM – Hum, hum.

IF - Não é? Lá na SNABS a gente podia ter capacitação, mas a gente era indisciplinado. O sespiano veio e trouxe realmente aquela coisa assim, forte da epidemiologia.

LM – Hum, hum.

IF - Trouxe o Roberto Beker, também do Rio Grande do Sul, da epidemiologia. Então formou um grupo e...

Fita 1 – Lado B

IF -... Da Fundação e... via os boletins depois quando iam. Agora não, passou a ser executora da política de epidemiologia, executora da ação de epidemiologia...

LM - Certo.

IF - Entendeu? Quer dizer, então, virou, transformou... na cabeça da gente; eu tomei um choque muito grande, porque eu era um gerentinho de compras e de supervisão e ver se estavam..., se tinham feito os exames de fezes, os exames de urina, tarara... Aí passa a ser diferente, para quê esses exames? E aí começaram a questionar até a própria rede, aí Jorge transformou a rede também, com o apoio da Fiocruz por trás, a rede de laboratórios passa a não ser... mas tem que dar aquela produção de exame assim, assim... Não, tem que produzir exame de interesse da epidemiologia.

LM – Hum, hum.

IF - Então muda também o perfil. Então foi uma mudança muito grande a SNABS, a SNABS passa para ser uma executora de uma política de controle de doença do país, não é? E a idéia desde aquele tempo era já ter, eu nunca me esqueço, o começo dos 80 a discussão, o Risi, Fernando Gomes, Ciro, etc., esse pessoal todo discutindo um Centro de Epidemiologia Nacional, e hoje existe o Nasa...

LM – É, é.

IF -... Que não era bem aquele que a gente queria ter...

LM – Hum, hum.

IF -...Uma coisa um pouco mais, mais... Devia sair agora depois do...oooh, né?

LM – É

IF - Mas, então, o pessoal já pensava naquela época, naquela época já pensava nisso e com muita força, não tinha o centro, mas fazia o papel do centro.

LM – Do centro.

IF - Então a SNABS passa, a SNABS incorpora uma de uma outra área que estava morta lá, que era de Ecologia Humana e Saúde Ambiental, que vivia lá fazendo publicaçãozinha e livrinho, aí passa a ter um papel importante, porque o ambiente também na epidemiologia é importantíssimo.

LM – É, muito importante.

IF - Antes não tinha essa importância, então tinha uma senhora lá maravilhosa e fazia publicaçãozinha, um jornal “cuidado com a água...” Aí passa a ter um enfoque, continua a ser a Divisão de Ecologia Humana e Saúde Ambiental, só que...

LM – Mas com o enfoque...

IF -... só que muito mais ligado a Vigilância Epidemiológica das doenças e vinculação hídrica, “bababa...”

LM – Hum, hum.

IF - Quer dizer, muda a importância. A divisão do laboratório vai ficar fazendo exames de fezes, e passa a... a ... a ter um enfoque de apoio a Epidemiologia, apoio de diagnóstico a doenças de notificação, etc, etc. Então houve capacitação de pessoal e... então, não foi uma mudança brutal.

AB – Para buscar essas doenças seriam agentes para controlar essa doença, quer dizer, tudo de uma vez mesmo.

IF - Entendeu? Quer dizer, tudo começou a virar em torno dessa mentalidade epidemiológica forte que a Fundação SESP leva para lá.

LM – Hum, hum.

IF – Não é? Que era, era..., sempre foi a Fundação SESP o máximo dessa..., a SUCAM era sensacional, mas era mais um órgão de execução de campo, do pessoal mais: “oba!”, vai lá e faz “tatata...”, e a... o SESP sempre foi assim mais a inteligência da coisa. Então levou isso para lá...

LM – Hum, hum.

IF - Então foi uma grande virada. Isso começa a pensar em pólio. Eles já pensavam em poliomielite...

AB – Como é que é isso de pensar em pólio?

LM – É.

IF - Não sei. Olha, eu sei que já..., vamos dizer que eu já recebi o pacote.

AB – Pacote.

IF - Eu comecei a falar em pólio também, vamos embora falar em pólio, mas por que é que a gente não falava antes?

LM – Hum, hum.

IF - Porque a epidemiologia era aqui, não era lá. Eles aqui já vinham acompanhando isso e se preocupavam com isso e aí eu acho que a coisa é simples, por que em pólio? Por que era um problema grave, um problema nacional grave. Não vou nem falar em internacional, mas, e eles sabiam disso porque eles tinham o acompanhamento, mas eles não tinham execução.

LM – Hum, hum.

IF - Na realidade, eles não tinham, então, de repente... vai para lá e tem toda uma estrutura de não ter mais que ficar passando pelo ministério para ver se vai fazer a coisa. Eles eram agora de dentro do ministério, apesar de ser Fundação, mas estavam ocupando um órgão da administração direta, que é o ministério da Saúde, e pode, não é? Ele ia, tem a chave do cofre, tem a... a... a... Como é que fala? O mandado de determinar, de definir, de decidir...

LM – Tem autonomia, né?

IF - Eles tinham que vender a idéia para o ministro, e o ministro podia querer ou não. Agora, não, agora era... eles, eles mesmos pensando o que iam decidir, quer dizer, a coisa ficou... Então acho que era preocupação já antiga no SESP, tanto que até no Rio Grande do Sul já

havia feito campanhas antes e etc. Então levaram essa coisa e começou uma grande discussão. E aí eu estou saindo, estou, continuo no laboratório, mas estou saindo da...

AB – Pois é, você sai dessa rede do laboratório, da Divisão Nacional do Laboratório e vai para o grupo de trabalho?

IF - É, mas eu fiz a rede de frio, logo depois...

AB – A rede de frio foi depois.

IF - É, mas é em 80...

LM – Em 80, 81.

IF - É verdade. No mesmo... nessa mesma época que...

AB – Na mesma época.

IF - ... teve assessor técnico, que ia começar, fizeram um grupo lá.

AB – Hum, hum.

IF - Outra coisa interessantíssima que eles fizeram, foi dar um reforço na área de educação e saúde e parar de fazer aquelas... Então, a educação e saúde também começou a trabalhar com prevenção de doenças.

LM – Isso.

IF – Entendeu? Então tinha lá Rosa Pavoni, depois foram outras pessoas, a Cristina, não sei se vocês...

LM – Hum, hum.

IF – Ela é sespiana.

LM – É, legal.

IF – Sespiana, trabalhou no SESP na Paraíba, anos em Alagoas, ela já vai falar também pela cabeça assim...

LM – Hum, hum.

IF - ...Muito mais, em vez de fazer aqueles livrinhos bonitinhos de... meloso, alguma coisa mais pragmática, mais...

LM – Hum, hum.

IF – Não é? De conscientização das pessoas. Quer dizer, você vê que foi assim, uma mudança grande...

AB – Uma revolução.

IF - Por isso que eu te falo, não dá para falar amanhã, a campanha de vacinação, a campanha de vacinação todo mundo já conhece, sabe como é que é...

LM – É.

IF - Hoje faz assim, e sabe..., tem que mostrar por que é que começou a campanha e essa aí...

LM – Lógico.

IF -... E esses antecedentes que eu estou falando, tem que falar.

LM – É lógico.

IF - Para até... Porque senão vai falar: Ah! A campanha, alguém decidiu fazer e fez. Claro, só que isso não foi assim: “vamos fazer uma campanha, deve ser legal, não é?”. É uma coisa muito... mais ampla, não é?

LM – É. Um arranjo política também, né?

IF - Hum, isso, eu acho que foi uma decisão de política de governo como...

LM – É.

IF -... poucas tomadas nesse país.

LM – Feitas até hoje.

IF - Porque foi uma decisão de política, controlar e erradicar a pólio. Não é mole! Foi uma decisão política, realmente, de governo e foi feito. Uma decisão final, toda hora.

LM – É.

IF - Agora, levar a cabo é que é a...

AB - A execução dela é que..., implementar, você ver implementar...

IF – Não é?

LM – É.

IF - Então é complicado. Então, quando eu estava na educação, aí fizeram um grupo assim que juntavam o pessoal da educação, aí genericamente eram chamados assim, eram os educadores, as educadoras, não é? Que a maioria era mulher, e os epidemiologistas.

LM – Hum, hum.

IF - E aí incluía até eu, que na época ainda nem tinha curso de Epidemiologia, mas, no geral... Ah! Em 79 eu fiz o curso de Saúde Pública.

AB – Ah, é...

IF – Aliás, eu não botei curso, não botei nada.

AB – Não, o curso de Saúde Pública, eu botei aqui na frente porque eu fiquei sem saber se...

IF - É, eu fiz em 79.

AB – Você fez em 79.

IF - Isso, foi.

AB – Você ficou aqui o ano inteiro.

IF – Não, foi lá.

AB – Ah! Você fez lá.

IF - Eles fizeram lá.

LM – Ah! Tá.

IF - Um curso de um ano lá no Ministério da saúde.

AB - No Ministério da Saúde.

LM – O curso do PAI é que foi aqui, né?

IF - Sabe que eu não sei onde é que foi o curso do PAI.

LM – Na ENSP. Está aqui ENSP/OPAS.

AB – É, o curso do PAI eu acho que foi aqui na ENSP.

IF - Não, mas o... é porque era da ENSP e da OPAS, agora não sei se fisicamente foi aqui.

AB – Se fisicamente foi aqui.

LM – Ah! Foi aqui ou lá. Entendi.

IF - Foi lá também, foi lá, foi lá.

LM – Ah! Tá. Tudo bem.

IF – Entendeu? Então...

AB – Quer dizer, mas ter feito o curso de Saúde Pública, independente de onde foi, o curso de Saúde Pública da ENSP é... te possibilitou ter mais...

IF - Claro.

AB – Você teve contato com...

LM – Ter uma clareza, né?

IF - Quando eu estava fazendo a..., eu estava fazendo a coisa na prática e na curiosidade, isso aí tudo deu uma localizada...

LM - Você teve mais teoria, mas embasamento...

IF - Claro, organizou tudo e...

LM – Mais leitura, não é?

IF - Com certeza, e tivemos um estágio de campo muito grande, nós ficamos um mês... Foi, foi mais, foram 40 dias; 20 dias no interior do Pará e 20 dias no interior de Pernambuco.

LM – Nossa.

IF - No estágio de campo, acho que foi o mais longo que já teve, se é que ainda tem isso aqui, acho que nem tem mais.

AB – E quem era o professor que dava essa...

IF - Ah! Vinham professor daqui, vinha...

AB – No estágio tinha alguém de (incompreensível).

IF - Tinha, tinha, era basicamente pessoal SESP e SUCAM. O pessoal da SESP e da SUCAM, que a gente ia visitar os programa desenvolvidos pela Fundação SESP e pela SUCAM, então

lá era o... Vinha gente aqui de Brasília e juntavam o grupo e ia lá ver trabalhar, etc, etc. Então foi um negócio muito bom.

AB – Quer dizer, você já está nesse grupo, de um lado os educadores...

IF - Pois é, tinha educadores e...

AB – Já como uma formação, era diferente.

IF – Já... Exato. E para quê? Para começar a discutir, porque já tinham definido, quer dizer, vamos trabalhar com a pólio, vamos fazer campanha de vacinação. Agora, como é que é...

LM – Com vista...

IF - ...uma campanha de vacinação?

LM – É.

IF - Você fazer uma campanha de vacinação num bairro, num município, é uma coisa...

LM – Imagina a nível nacional.

IF - Num país, e era assim, num dia só. Esse caras são malucos, beberam, estão doidos, como é que vão fazer? Num país desse tamanho vacinar 20 milhões de crianças, porque na época era de 0 a 5, ainda é.

LM – É.

IF - Era 18, 22 milhões de crianças, era uma coisa assim, como é que você podia imaginar...

LM – Inimaginável.

IF – Não, a minha pergunta era essa, por isso eu até acho que de castigo dizem... eu: “Vem cá gente, onde é que vocês vão comprar tanta vacina, onde é que vai guardar tanta vacina? Onde é que nós vamos..., como é que nós vamos distribuir, vocês estão ficando malucos?” Eu acho que é por isso que ele me botou...

LM – (risos)

AB – Te botou na rede de frio.

IF - (risos)... Rede de frio, adivinha agora, você fez tanta pergunta...

LM – É. Para cuidar, então...

IF - Agora, vai, vai respondê-la. Quer dizer, então, realmente é um negócio de maluco, é doido você... Porque para você fazer...

LM – Uma utopia.

IF - A gente comprava 100 Milhões de doses por ano gente. 100 milhões de doses num frasquinho de 25 doses, dá quantos frasquinhos?

LM – Sei lá.

IF - 400 mil, 40, sei lá! 4 milhões de frasquinhos, não é brincadeira, não é brincadeira...

LM – É 4 milhões.

IF - É uma coisa maluca, não é? E a primeira vacina foi aquela russa, não é? A única que podia...

AB – Fornecer na quantidade...

IF – Fornecer, e aí valeu-se na Rússia e a caixa não tinha tampinha, tinha aquele negócinho de lata, você tinha que abrir... Sabe aquele remedinho que a tampa é de lata?

LM – Sim, sim, eu lembro, eu lembro.

IF - Você abria em casa e que nunca sai. Você sempre tem que ficar cutucando. Imagina aquilo num posto de vacinação.

LM – Hum.

IF – Bom, então, essa coisa foi toda discutida, como faz, como não faz, como faz, como não faz. Por isso que esse material foi...

AB – E aí você saí da Divisão Nacional de Saúde...

IF - Não, isso, aí eu já fico por conta dessa...

AB - ... e vai para rede de frio.

IF -... discussão, rede de frio.

AB – E nesse papel da rede de frio, você é o assessor técnico do grupo lá da poliomielite.

IF - Das duas coisas.

AB – Está respondendo...

IF - Discutindo e trabalhando lá, e discutindo...

AB – Discutindo...

IF - Aí fomos ver a Fundação SESP, que já tinha feito algum trabalho na rede de frio, mas era antigo.

LM – Hum, hum.

IF - Aí eu fiz questionário, mandei para todos os estados para saber como é que era, como é que estava a situação de estocagem, como é que eles tinham, alguns estocavam na SIBRASEM? dos estados, outros não sei o quê, outra no frigorífico, na peixaria do seu Manoel, era todo...

LM – Nossa!

IF - É, mas...

LM – É, era o que era possível, né?

IF - É, se viravam, é que a gente ia entrar agora com uma coisa que não estava prevista, você vir com um volume de coisas desse tamanho.

LM – Hum, hum.

IF - Volume de vacinas desse tamanho. Então, a gente...

AB – Esse quadro da realidade do país de estoque de guardar as vacinas, antes da rede era um quando super precário. Tinha alguns lugares...

IF - A Fundação SESP tinha um certo controle, mas era mais difícil, claro, era mais difícil, mas tinha controle, não era assim, não. O grande problema era que a gente ia entrar com aporte de coisa muito grande.

AB – Não, mas precária que eu digo assim, alguns municípios tinham, não tinham a estrutura...

IF – Ah, sim! Não tinham, tinha município que não tinha vacinação rotineira porque não tinha energia, não dava para ter geladeira, não dava para ter vacina. Aí a gente entra numa mentalidade bem doida, para gente discutir com o pessoal: “Ah, não tem, não posso fazer vacina no município tal... - Rondônia, por exemplo -, por que não tem luz. Vão lá”. A gente ia lá. Realmente, não tinha luz, não sei o quê, mas a gente tomava cerveja gelada.

LM – Ué? Então, há alguma solução.

IF - Claro.

LM – Possível.

IF - Claro, você vai em qualquer lugar desse país você tem cerveja gelada e cigarro, você acha. Quer dizer, então é uma logística de distribuição que a gente precisava aprender, que a gente precisava...

LM – Lógico.

IF – A Souza Cruz bota cigarro aonde você não imagina! Qualquer “bitoca” desse país você compra cigarro, e cerveja gelada até onde não tem luz. Então...

LM – É.

IF - É possível.

LM – (risos)

IF - Não é? Aí você já começa a “quebrar a perna” do pessoal que falava: “Ah, não dá, porque...” “Como não dá? Vamos lá ver. Vamos tomar uma cervejinha que está calor... Ah, uma cerveja gelada.” E aí vem. Uai!

LM – Se não tem luz...

IF - Se a cerveja... Agora: “É claro, porque é interesse do comerciante tem que vender, então ele compra o gerador, vende”. Ele tem que vender o produto dele comercialmente, nós temos que vender o nosso produto...

LM – A lógica tem que ser a mesma, né?

IF - É...

LM – A lógica tem que ser a mesma.

IF - É, uai! Eu só não estou vendendo o produto, mas estou oferecendo um produto à população.

LM – É, Hum, hum.

IF - Vamos pensar como um negócio.

LM – Hum, hum.

IF – Uai! Então tem que chegar lá em condições de consumo; que ninguém toma cerveja quente, só alemão. Então, lá tem. Então, uai! Aí você começa a quebrar uma série de resistências, não é? Que o pessoal... Primeira coisa: “Ah, não dá!”.

AB – Que aí é: vamos buscar o gerador, vamos ter que...

IF - Vou ter que comprar gerador, ter que manter o gerador limpinho, toda hora tem que botar aguinha na bateria... Dá um trabalho desgraçado. Agora, o dono do botequim faz isso por quê? Porque ele está ganhando dinheiro, ué!

LM – É.

IF - O nosso ganho não é em dinheiro, mas é outro tipo de ganho, então, não tem a menor preocupação. Então é difícil você mudar...

AB – Mudar a mentalidade e cultura.

IF - Mudar a mentalidade, exatamente.

AB – Você tem que trabalhar com a cultura...

IF - Algumas coisas a gente tem que fechar o olho. Por exemplo, lá em Fortaleza, a vacina ficava numa peixaria mesmo. Mas eles não tinham outra câmara frigorífica. Então, você fala: “que bela peixaria”; faz o possível, separa para cá, bota uma madeirite aqui... Sei lá! Para disfarçar...

LM – Isolar, né?

IF – Mas, fazer o quê, né? Tem essas situações. E aí nós desenvolvemos outra coisa, que também em viagem eu via: “caramba, aqueles caminhões frigoríficos enormes, enormes, e rodando na estrada com sol e tal. E a carne saía lá no Rio Grande do Sul e chagava não sei aonde, aonde a...” Não é? Você vai, você vai ali em Manguinhos, ainda tem três lá, só que lá eu é que bolei aquelas câmaras frigoríficas. Carroceria de caminhão, se ela agüenta buraco de estrada, sol e o negócio sai ainda de lá dentro... Pô! Vai agüentar a má vontade do pessoal que não quer cuidar... Então, vai agüentar. Então nós fizemos uma concorrência nacional, nós fizemos o desenho, que nada mais era do que uma carroceria de caminhão, só as dimensões que a gente mudou; era de fibra de vidro, por dentro as prateleiras são de restos da Casa da Moeda, aquele negócio furado, que é barato, tem resistência que não acaba nunca.

LM – Olha só.

IF - Estão ali, ainda acho que tem três lá em BioManguinhos.

AB – Devo ver, nunca vi.

LM – É, eu nunca...

IF - São três carroceria de caminhão.

LM – Hum, hum.

IF - E nós botamos nos estados que não tinham, 22 estados não tinham câmaras centrais, nós mandamos fazer e entregamos. Eu tenho as fotos dela, vou mandar tudo para vocês; conhecer o Programa Nacional de Imunizações...

LM – Olha que amor...

IF - Ministério da Saúde e tal.

LM – Legal.

IF - Todas elas branquinhas, escrita em azul. Tem uma antecâmara até, tem uma... Agora, você vê, esses caminhões monstros carregando carne todas congeladas, quer dizer, então é uma coisa boa.

LM – É.

IF - Cai num buraco da estrada, o caminhoneiro pára de noite para dormir, desliga na tomada, sabia? Desliga na tomada quando pára para dormir.

LM – Não, não sabia.

IF – É. Falei: “gente, daí, oh! Não precisa inventar nada, já está inventado o que a gente precisa, já está inventado o que a gente precisa; é só tirar de cima do caminhão e botar o negócio no chão bem arrumadinho e bota uma cobertinha...” Inclusive, resolveu um problema de muitos estados que não tinham local para fazer uma câmara fria, não tinha o próprio terreno, local...

AB – Ele já era a câmara fria...

IF - No Mato Grosso do Sul...

AB – Estruturalmente.

IF - ... do lado da mesa do secretário assim, embaixo da mesa dele, botou lá embaixo para ficar olhando, para tomar conta. Aquilo chegava em cima de um caminhão e botava, pou! ”Onde é que tem uma tomada aí?” Puff! Pronto, ligava lá a “bicha”... Então quem não tinha passou a ter...

AB – Passou a ter.

IF - Assim, a nível precário, mas já era o início de uma montagem de uma rede, não é?

LM – Hum, hum.

IF - Aí começamos a bolar aqui na Fiocruz, a Central Nacional de Distribuição de Imunobiológicos, que se chamava de CENADI, começou com essas três câmaras, que depois lá embaixo...

LM – Hum, hum.

IF - O japonês aqui da Roma começou, fez uma baita câmara daquele..., embaixo daquele prédio ali, o prédio principal, tinha um vão, ele construiu ali uma câmara frigorífica, então ficou esses três caminhões, a câmara...

LM – E mais a câmara...

IF - E aí foi e foi, e hoje está não sei aonde aí, um monstro de câmara frigorífica. Compramos nosso primeiro carrinho de distribuição era um Gurgel, uma piruinha Gurgel e aí foi.

LM – Hum, hum.

IF - E hoje já não existe, porque é monstruosa. Já é produção de gelo própria...

LM – É.

IF - A gente tinha, mas pouco ainda, não é? Então foi todo uma evolução, por causa campanhas teve que se modernizar toda uma série de outras coisas, quer dizer, a campanha em si não foi só a grande mobilização nacional, também teve todos esses desdobramentos para que ela pudesse acontecer.

LM – Hum, hum.

IF – Não é?

LM – Exatamente.

IF - Então ela, ela puxou um monte de outras coisas. Quer ver outra coisa que ela puxou, o INCQs, o INCQs não existia. Quem é que vai controlar as vacinas todas? Existia antes era LCCDMA, era laboratório central de não sei o que, “bebebe...”, era uma coisa da Vigilância Sanitária, aí a Fiocruz, “pumba!” Entra com a INCQs, toda a vacina até hoje não vai para consumo antes do...

LM – Antes de passar pelo INCQs...

IF - Passar pelo INCQs, quer dizer, a... é mais uma, um reforço, não que o INCQs não iria existir se não houvesse a campanha, mas ele foi muito mais rapidamente instalado e implementado e pessoas capacitadas em função de toda essa logística que envolvia, não é? A necessidade e etc., etc., então, eu sei que foi mais rápido, podia estar até hoje ainda aí: “será que sim, será que não, fica aqui, fica lá, fica lá, fica aqui; não, bota aqui, bota em São Paulo, não bota em São Paulo...” Ia ficar aquela coisa: “Não, tem que fazer? Bota ali, pum! Pum! Pode”.

AB – Tem que ser efetivo, porque senão...

IF - Quer dizer, então tem essas coisas que são..., que vieram juntos, não é?

AB - Essa central nacional de armazenagem e distribuição de vacinas que você falou, né? Que você participou diretamente...

IF – Sim, participei diretamente... claro.

AB -...da criação disso. Ela operava com relação aos estados fazendo com que cada estado tivesse a sua central também?

IF - Nós montamos...

AB – Os *containners*...

IF - Os que não tinham os *containners*, exato, exato.

AB – Então, essa é a lógica, montar a minicentral de cada estado.

IF - Aí começamos a capacitação e treinamentos, treinamentos de capacitação desde como embalar a vacina, quantidade de gelo, quantidade de vacina, até curso de refrigeração. Nós fizemos dois cursos de refrigeração nesse país.

LM – Hum, hum.

IF - Então, nós temos todos, quer dizer, alguns já morreram até, mas outros até em função disso abriram um negócio próprio. Nós capacitamos o pessoal a dar manutenção em geladeira, freezer e câmara frigorífica, porque tinha muito problema: “Ah, não está funcionando porque quebrou, a secretaria não tem técnico, tem que contratar, não tem dinheiro, não pode” Então nós capacitamos técnicos da secretaria, a maioria motorista.

LM – Hum...

IF - A maioria motoristas, por quê? Quando eles saíam em supervisão para o interior com o pessoal em epidemiologia, eles já revisavam as geladeiras dos postos das regionais. Entendeu? A maioria motoristas que a gente capacitava...

AB – Tem toda uma logística, né?

IF - Para aproveitar, aproveitar, porque aí eu não tenho que pagar uma diária para ele ir lá de novo, ele já estava lá; então, já vai. Alguns não saíram da secretaria, muitos, muitos montaram a empresa deles de refrigeração. É...

LM – (risos)

IF - Faz parte do jogo...

LM – Lógico.

IF - Mas funcionou assim, a gente deu capacitação em embalagem, em... negócio de gelo, de vacina... Na capacitação a gente falava o que é que era a vacina até para o pião lá que carregava as barras de gelo, para ele saber que aquela barra de gelo que ele estava carregando não era em vão.

LM – Para entender a importância daquilo. Isso.

IF - Entendeu? “Ah! Essa barra de gelo...” “Não, é importante essa barra de gelo por causa disso, disso e tal” Então, você dá uma, não só capacitou como conscientizou. Não teve aquela coisa automática, o cara já sabia que o que ele estava fazendo era...

LM – Exatamente.

IF - Dr. Eduardo.

(INTERRUPÇÃO)

AB – A gente está falando do SENAC, dessa implantação da cadeia...

IF - Isso.

AB – Como é que é essa formação de pessoal, né? Quem você destacaria que estava nessa equipe com você que estava fazendo esse trabalho?

IF - Artur Couto.

AB – Artur Couto.

IF – Bio-Manguinhos, porque ele era administrador de Bio-Manguinhos na época que o Akira era superintendente de Bio-Manguinhos, que agora é diretor, não sei como é que chama agora, e... e eu era o coordenador da rede de frios depois o PNI, e o Artur, então ele era o administrador aqui e nós começamos. Então ele estruturou, ele montou a equipe, foi buscar pessoas dentro da Fiocruz e fora da Fiocruz e preparou esse pessoal para (incompreensível), que era o pessoal que distribuía a nível nacional, que não é brincadeira! Só naquela época até... 95 eram 100 milhões só de pólio, mais DPT, sarampo, BCG, bababa... Era um trabalho louco assim, de fazer, porque não é só pegar a vacina e vai lá...

AB – (inaudível)

IF - É a vacina, é o gelo, é a caixa, é a embalagem, é fazer a listagem, e não sei o que lá, é identificar, endereçar, botar no caminhão, despachar de avião, chegar lá, não é? Quer dizer, e no Brasil é uma logística complicada, é de avião mesmo, não tem jeito, é avião, tudo é avião. Quer dizer, então a gente..., hoje eles devem ainda ocupar muito..., é todo, entrou um convênio com Varig, com não sei quem, não sei quem... Isso tudo Artur fez essa parte de...

AB – Porque o SENAG, esse centro ficava aqui.

IF - Aqui. Ainda é ligado aqui, só que não está mais condições fisicamente no Campus da Fiocruz, se eu não me engano tem um terreno da Fiocruz que é não sei aonde e aí fizeram um negócio enorme que eu ainda nem conheci.

LM – Hum, hum.

IF - Mas aqui, o Artur Couto, lá da Bio-Manguinhos, ele te conta a história de como é que segurou a barra ali.

AB – A gente tem referência de pessoas como Maciel...

IF - Tá, Albertino Alexandre Maciel.

AB – Quem foram essas pessoas...

IF - Maciel foi é... O seguinte, Maciel foi, é um arquiteto que trabalhava no Ministério da Saúde, ainda trabalha, que quando eu fui desenhar...

LM – As câmaras...

IF - A câmara, eu não sou desenhista, podia sair uma coisa meio esquisita, então, ele era arquiteto de uma divisão chamada Divisão Nacional de Organização de Serviços de Saúde, e trabalhava com análise de projetos de hospitais etc., etc., etc. Então eu pedi para ele me ajudar e ele passou a trabalhar comigo nesse desenho, acompanhou a produção das câmaras. Então foi ele que me deu essa assessoria técnica.

AB – Assessoria.

IF - Nessa parte de..., de..., da câmara, não é? Depois os treinamentos, ele foi fazer um treinamento na Colômbia, na Colômbia tem um centro de referência de rede de frios da OPAS.

AB – É de lá que é esse Vitor Gomes, né?

IF - Vitor Gomes, exatamente. Aí ele fez um treinamento forte lá com Vitor Gomes e ajudava a gente nessa capacitação desse pessoal dos estados em manutenção de geladeira. Basicamente, manutenção, limpeza, arrumar, trocar um gás, etc., etc., etc.

AB – E falando em OPAS e vendo que a OPAS tinha, por exemplo, esse interesse, mantinha um centro de rede de frio...

IF - Hum, hum.

AB – Né? Que o Vítor trabalhava, quer dizer, também tinha esse apoio para gente conseguir o recurso? A OPAS...

IF – Tinha, tinha, mas é que dá pena desses organismos internacionais quando se fala em Brasil e das necessidades, não é? Por exemplo, a UNICEF até hoje compra toda a vacina do Paraguai; sim, mas também...

LM – Paraguai.

IF – Se ela fosse comprar a nossa...

LM – É.

IF - Ia parar o resto do mundo, não ia fazer mais nada. Então, tem essa coisa. Por exemplo, a OPAS dá para vários países termômetro, caixa prego, etc, etc., não pode fazer isso para o Brasil, eu não preciso de meia dúzia de caixa prego...

LM – É.

IF - Eu preciso de "lhões", quer dizer, tudo aqui é "lhões". Então, é difícil essa...

LM – É.

IF - Então a gente, eles ajudavam sim, a gente queria, por exemplo, nós compramos termômetros daqueles de fita, não sei se vocês conheceram, tem umas bolinhas assim para visualização fácil, mesmo o cara sendo meio "chucro", ele conseguia ver a temperatura.

LM – Hum, hum.

IF - A... ele era importado, então a OPAS ajudava a gente, mas doava um pouquinho e a gente comprava o resto, mas com a intermediação da OPAS, sempre teve esse apoio, claro. Mas não podia ser mais do que isso, mais do que isso é difícil porque... “Ah! Faz uma doação de... de termômetro para nós”. Pô! Ia acabar o orçamento deles. (risos) Tem bem mais do que a América Latina...

LM – (risos) É.

IF - ...ou a América, o continente americano ia receber mais nada porque vinha tudo para cá. Quer dizer, então não dava, não é? Isto para nós é bom porque...

LM – Tem que se virar de outra forma, né.

IF - Você se desenvolve, inclusive. Não cria dependência.

LM – Desenvolve a sua autonomia. Exatamente.

IF - Ao contrário, se você pegar o catálogo da OPAS hoje de material. É OPAS/UNICEF que faz o catálogo de material adquirido, deve ter por aqui, você vai encontrar produtos brasileiros

lá, porque nós botamos lá, indústria brasileira de produtos (incompreensível) para pescaria, não sei quê. Nós falamos: "Oh, vocês não se interessam, tem um catálogo internacional aqui, vocês podem mostrar os seus produtos e a gente..." E eles botaram, tem 3 ou 4 marcas brasileiras que anunciam nesse, nesse catálogo. Quer dizer, é um jogo..., mesmo democrático.

LM – É.

AB – Acaba sendo democrático.

IF - Mas a OPAS, por causa disso mesmo, porque as nossas necessidades são muito grandes e a OPAS ia viver só em nossa função e aí, não dá, não é?

AB – ...Conjuntura. Eu fico perguntando essa questão de recurso, que cada vez que você fala que se produz trilhões...

LM - É

AB – ... Eu fico imaginando assim: “gente, é uma briga de recurso entre ministérios...

IF - Certo.

AB -...É uma briga dentro do ministério nos setores...”

IF – Aí é que tá.

AB – Quer dizer...

IF - Isso eu sei muito bem hoje, que eu faço exatamente essa função, eu faço a coordenação da ação governamental e eu faço os ministérios se entenderem, essa é minha função hoje na presidência...

AB – Hoje.

IF - É.

AB – Agora...

IF - Antes lá não existia, aquela nossa proposta era muito boa. Era muito boa.

LM – Hum, hum.

IF - Então, não... Claro que o Risi se virava, nós tínhamos os diretores de planejamento, Amaro, também se virava para manter os recursos e tal. Mas você tinha um..., de novo vou falar, um produto na mão altamente vendável.

LM – Hum, hum.

IF - Então era mais fácil. Quer dizer, mais fácil, você conseguia convencer porque você tinha uma coisa boa, você chegava para o Presidente, o Ministro falava para ele: “Presidente, isso nós vamos acabar com esse negócio..., você tem...” O Presidente acreditou e viu a coisa acontecendo...

LM – É. As portas se abrem, né?

IF - Quer dizer, olha, não era fácil, claro. Agora, quem é que nega, qual é o ministro enlouquecido da Fazenda e do Planejamento que nega dinheiro para comprar vacina? Pode

negar até para remédio, mas para vacina eles não negam. Por quê? Porque hoje a vacina é um patrimônio da população.

LM – Hum, hum.

AB – Pois é, mas naquele momento vocês estavam construindo isso.

IF - Mas aí é que tá, mas as pessoas perceberam que...

LM – A importância.

IF - A importância, então, você consegue, quer dizer, quando você tem um belo argumento, você, né? Consegue levar; então, a gente tinha não só argumento como mostrava..., tinha a epidemiologia toda para mostrar, para demonstrar se fizesse isso, acontecia isso... Toda coisa assim muito bem, não era só essa parte prática que eu fazia e etc., toda uma coisa atrás que mostrava aonde é que ia chegar se se fizesse aquilo daquele jeito.

LM – Certo.

IF - Nada desligado, o gelo da central era tão importante quanto a vacina, porque senão, se não tivesse o gelo, a vacina... Quer dizer, então, se mostrou essa coisa, essa grande logística onde tudo é importante, não é só... Então, o negócio é..., por isso que eu falo, amanhã não dá para falar só de campanha, porque senão essas coisas ficam perdidas e tudo isso é um...

LM – É um contexto, né? Um conjunto de...

IF - A campanha foi um...

AB – Agora, falando de campanha, conta um pouquinho para gente essa primeira campanha, a de 80.

IF - É genial.

AB – Você colocou no seu currículo que você também estava mais ligado a norte e nordeste.

IF - É, é.

AB – Mas conta para gente dessa primeira campanha.

IF - Mas antes da primeira campanha dia 14 de junho, dia 14 de junho 1980, tinha a campanha, nós fizemos uma coisa sensacional. Primeiro, que nós tivemos um tempinho com Sabin lá “enchendo o saco”, né? Lá na sala do Risi, dando palpite em tudo, era um problema o velho...

LM – (risos)

IF - E aí foi feito um ensaio, pouca gente fala em março, dia 22 de março de 1980, nós fizemos um ensaio, porque a gente não sabia como é que ia funcionar o negócio.

LM – Certo.

IF - A gente botou tudo no papel, na teoria, as educadoras botaram assim o treinamento das equipes, da população e não sei o quê, a fila entra aqui e sai ali, registra assim, registra assado, dava uma gota, dava duas gotas, dava três gotas, faz isso, faz aquilo, “bababa”. Estava tudo muito bonitinho, mas será que funciona?

AB – Hum, hum.

IF - Né? Aí nós fizemos um ensaio em dois locais, nós fizemos em Florianópolis e Maceió. Maceió juntou Norte/Nordeste, um monte de estado, do norte, um monte; e Florianópolis, Sul/Sudeste e Centro-Oeste. Então, todos os coordenadores estaduais e regionais, e o pessoal que estava no comando disso nos estados foram ou para Florianópolis ou para Maceió, e lá nós fizemos uma campanha para ver como é que funcionava. Então em Maceió foi mobilizada as coisas que a gente imaginava que funcionava, mobilizava a população: “dia tal, dia da campanha de vacinação, todo mundo aos postos...” E aí a gente botava, não, como é que vamos identificar posto, com faixa. Então tinha posto que era em barraca do exército, tinha posto que era hospital, tinha posto que era na escola, tinha posto que era na igreja. Tudo identificado para ver como é que é, como é que ia funcionar, se a cidade não ia entrar em parafuso, se as pessoas iam encontrar os postos. Como é que era, né?

Fita 2 – Lado A

LM – Fita 2.

IF - Aí a..., a..., eu fui em Maceió e lá aconteceu de tudo. Tinha o Secretário de Saúde da época, ele..., não vou citar o nome que hoje ele é do Tribunal de Contas, é uma pessoa alta; ele é completamente maluco, sempre foi. Já conhecia, já o conhecia antes e ele fazia assim: “Nós temos que incrementar isso aqui, eu não quero só ficar um alto falante não”. E ele ligou para Recife, na base aérea de Recife, e pediu dois helicópteros de resgate. Disse que estava com problemas em Maceió, o senhor secretário do Estado da Saúde do Rio Grande. “Ma pa!” Não deu outra, sábado de manhã, no ensaio, chega aqueles dois helicópteros enormes, “tatatata...” Eu digo: “gente, o que é isso?” E desse na praia o helicóptero, e vai lá se apresentar, um coronel vai lá se apresentar para o secretário: “Secretário, onde é que nós temos que atuar? Qual é o problema? O que é que tá acontecendo? “ “Não, não, sabe o que eu queria?” - Ele pegava os pacote assim – “Eu queria que o senhor sobrevoasse a cidade e jogasse esses panfletos para mim de propaganda da campanha. “ Os caras queriam morrer!

LM – Ah!

IF - Eles foram lá assim para “than than”...

AB – (inaudível)

LM – Pois é.

IF - É.

LM – Já pensou?

IF - E fizeram. Você imagina o sucesso que foi esse helicóptero rodando em cima de Maceió jogando papelzinho. (risos) E no final, os caras gostaram, entendeu? Foi uma imagem simpática. Eles foram para lá para missão: “Qual é a missão?” Missão é jogar papel. Vamos panfletar (risos) Coisas assim, do “arco da velha”, do “arco da velha”...

LM – (risos) Ai que legal.

IF - Aí começa: “está faltando vacina lá, não sei aonde”. “Putz, e agora? Não tinham previsto faltar vacina, que diabo é isso? Como é que está faltando vacina?” É porque aquele posto de repente, tinha, dava mais acesso, embora ele pudesse ser mais longe do que não sei o que lá, mas as pessoas preferiam ir naquele do que não sei o quê. E pronto, começou a faltar, sobrava aqui, faltava lá, então sai carro daqui... Não tem carro para levar para vacinar. “Como não tem carro?” “Ah, não tem, os carros de secretaria estão tudo...” “Ah, não, tem que ter carro.” Aí tinha sempre um militar junto lá, um PM sempre... “Agora vem cá, e o DETRAN?” “O que o senhor quer do DETRAN?” “Carro” “Não, não pode”. “Pode, carro roubado, libera carro roubado e liga...” Ligamos para o diretor do DETRAN, o governador autorizou, libera carro roubado. Estava no pátio, a gente não tinha carro, bota uns PM para dirigir o carros...

LM – Meu Deus...

IF - Tinha carros roubados rodando pela cidade para levar coisas, para trazer. Tudo assim, mas aí é que tá, foi um baita de um...

LM – Um ensaio, um baita de um...

IF – Foi. Aí, porque a gente não tinha imaginado, a gente recebia aqueles postos... porque tudo no papel fica bonitinho, né?

LM – É, mas na hora de executar, né, Ivanildo.

IF - Encosta aqui, aqui tem a população desse bairro é tanto, então bota três postos; aqui é tanto, bota um... Só que os caras chagavam e vinham aqui. Por quê? Não sei, mas vinham.

LM – Então você tem que pensar nisso, né.

IF - E aí que começou a acabar a vacina aqui. Não pode. E pega de lá, vem para cá... Aí você tem que ter toda uma estrutura de... carros rodando, de pessoas atentas, naquela época não tinha telefone celular... Era mais complicado.

LM – Não tinha internet.

IF - Não tinha internet.

LM – Fax era uma raridade.

IF - Era um telefone, e olhe lá.

LM – Se tivesse...

IF - “E olha, está acabando aqui em Pilar, tem que trazer aqui em Pilar. Qual o posto de Pilar?” E não tem carro, pega carro roubado, pronto.

AB – E na prática, como é que as pessoas estavam lidando com a conservação da vacina também...

IF - Também era um problemaço, um problemaço. A gente chegava lá, o cara com o tubo da vacina na mão o tempo todo: “Cara, você bota e tira e tira...”

LM – Não pode...

IF - “Não, é que dá muito trabalho.” ”Eu sei que dá trabalho...” Mas tudo bem, a gente pegou todo tipo de problemas que você pode imaginar. O formulário que a gente tinha feito para registrar era uma porcaria, não funcionava nada, ninguém sabia botar o “diabo” do X ali, não tinha jeito...

LM – Hum, hum. Meu Deus...

IF - Não tinha jeito, foi um horror!... Quer dizer, um horror, um monte de coisa funcionou, mas a gente sentou: “ah, isso aqui tá mole” Tá nada! Na hora que começa... primeiro sempre tinha, naquele bairro populoso tinha três postos ali e nesse aqui tinha um. Por que as pessoas vinham para cá, gente? Não sei, mas vinham. Você ia fazer o quê, proibir? Botar uma barreira: não pode. Então você tem que conhecer até a dinâmica da população para poder..., não dar simplesmente, tecnicamente porque está escrito no livro de alguém que naquele lugar tem uma população X., então, um terço da população vai aqui e outro terço vai ali. Não é isso, não é matemática, não adianta, não adianta.

AB – E aí era fundamental que as pessoas do local, da secretaria do local, os técnicos do local...

IF - Claro.

AB – ...tivessem com você durante...

IF - Claro, e aí... Não, mais do que isso...

AB – Eles sabiam qual era o posto que tinha mais...

IF - Mais do que isso, mais do que isso, nós começamos a incorporar as lideranças dos bairros, o pessoal de associação, que eles conhecem a população deles. Então, muitas vezes a gente chegava lá num bairro para montar um posto e dizia: “essa praça está ótima para...” “Ninguém vem aqui não, doutor” “É, não”. “Onde é que eles vão? Lá?”. “Bota lá”.

LM – É.

IF - Não sou eu que moro ali; quem mora ali é ele.

LM – Hum, hum.

IF - Esse é outra coisa que as campanhas nos ensinaram assim muito, a trabalhar...

LM – Localmente.

IF - ...com a... participação...

LM – A especificidade local.

IF - Com a participação de quem está lá.

LM – Hum, hum.

IF - Não adianta ir cheio de definição, vai, vai, vai lá que você vai ver, vai “quebrar a cara”, vai “quebrar a cara”. O linguajar, as palavras que estão nos cartazes; a gente pedia, tinha que ser a coisa mais simples do mundo, porque uma palavra tem um significado em Porto Alegre e outro no Ceará. Nós estamos lidando com um país monstro.

LM – Isso.

IF - Então, se você chama de um jeito no Ceará, ninguém vai porque é ofensa, sei lá! Então você tem que trabalhar com a população local, ouvindo... Eles têm que participar das comissões... A gente, a partir dali tinha de ter a comissão estadual, a municipal, as comissões de regionais, de bairro; participação, tinha de ter participação da comunidade. Quando eles falavam assim: “ih, acho que assim não é não...” ”Então como é que é?”

LM – Hum, hum.

IF - Ali que você ia saber a realidade, com certeza. E, não dá, a lógica, às vezes a gente acha que a gente sabe, mas não sabe não. É que nem de político, você fala: “Ih, agora pronto, esses caras vão derrubar...” Eles vão lá e aprovam. “Opa, não entendi nada”, estava tudo claro que ia ser nessa direção, vai para aquela, então, você tem que ouvir. Daí esses dois ensaios foram assim... fundamentais. E no Sul aconteceu outras coisas completamente diferentes. O Sabin inventou, num determinado lugar, e tinha que ter uma bandejas de aço inoxidável com aqueles..., sabe aqueles quadradinhos de açúcar, aqueles dadinhos de açúcar que dá para cavalo, que bota no chá...

LM – Sim, sim, sim...

IF - Tinha de botar aqueles dadinhos de açúcar na bandejas, pouco antes de abrir o posto de vacinação, pingar as gotas da vacina nos torrõezinhos de açúcar...

LM – No açúcar?

IF - ... e as crianças iam entrando, passando e cada um pegava o seu. Então, tá bom.

LM – Nossa!

IF - Enlouquecido, né? (risos). Claro, mas, claro que não aconteceu, porque senão aquilo, as crianças vendo aquilo lá, todo mundo ia invadir, ia voar açúcar para todo lado.

LM – E encher todos de cárie também, né? Imagina!

IF - Bobagem, bobagem. Mas tinha de tudo, entendeu?

LM – É.

IF - Tinha todas essas coisas lá, e no Sul foi diferente, que as crianças pobrezinhas do Sul são todas rosadinhas de olho azul, etc. E tem outra, até a própria..., o comportamento da população é diferente, a população é mais esclarecida, tem um pouquinho mais, lê um pouco mais, então é mais fácil, não é? Tem várias... Então, foram duas experiências. Depois nós sentamos todos e... chegamos a uma série de coisas. Por exemplo, essa participação de alguém da comunidade nas comissões era..., tinha que ter, não tinha outro jeito; a questão logística de carro e remanejamento de vacina, você tinha que ter em pontos estratégicos da cidade sempre carro com gelo, com vacina para qualquer hora que fosse... a... remanejado sem demorar muito, porque naquelas filas enormes, começa a demorar 5 minutos, 10, começa: “oooh”, acabou, o pessoal vai embora. Acabou a credibilidade na hora. Quer dizer, tem que ser uma coisa rápida, né? E uma coisa que vocês não lembram, ninguém lembra, naquela época, os postos de gasolina fechavam aos sábados.

LM – Porque era economia de petróleo, né. Fechava domingo.

IF - Era racionamento, racio... Sábado, na sexta à noite às 8 horas da noite só ia abrir na segunda-feira de manhã.

LM – Era o racionamento

IF - E nos fizemos uma campanha em pleno racionamento de gasolina.

LM – É.

IF - Que é outra maluquice. ... É outra coisa completamente fora.

LM – Tinha tudo para dar errado e deu super certo, né? Curioso isso. Legal.

IF - E essa da gasolina...

AB – Mas isso tudo eram pontos que estavam em vocês, né?

IF - Estavam, a gente não podia nem pensar...

LM – Estavam sim.

AB – Não tem como ter estoque e...

IF - E os estados começaram: “Aí, gasolina...” Não podia ter estoque, era proibido. O negócio era fechado mesmo. Fecham às 6..., às 8 horas da noite de sexta-feira e só abriam na segunda.

AB – Todos os carros abastecidos, vamos torcer para dar certo, mas não vai dar certo..

IF - Não dava, não dava, tinha que ter. Aí começa a imaginação de um monte de gente, né? A gente estava em Mato Grosso, estava essa discussão. O pessoal de Mato Grosso: “por que não tem gasolina...” E aquele monte de gente, a gente lá, todo mundo discutindo, falando, discutindo, falando, aí você escuta um falar uma coisa aqui, outro falar outra coisa ali... Aí você está mais de fora assim...

LM – Você vai juntando assim.

IF - Você vai juntando: “ih, é por aqui”, na hora que a mulher da educação falou... Aí, eu sei que lá em Mato Grosso, eles fizeram um negócio..., pegaram os alunos do segundo grau, né, colegial, que eram mais velhos, 15, 16, 17, com o uniforme dos colégios do estado nos postos de gasolina e tinham uns tambores... Sabe aquele tambor de lata feio, redondo?

LM – Sim.

IF - Pintados de verde e amarelo, coisa mais... Botaram o tambor nos postos pintado de verde e amarelo. Aí, ao chegar lá, a Ana para botar gasolina, ia lá um aluno: “Ana, olha, é a campanha de vacinação, a senhora podia doar um...” Estava botando 30 litros - “podia doar um litro, meio litro, sei lá... para campanha...” “Claro”. O maior vexame é que não deu para guardar em tambor, né? Começou a dar vale, vale, vale. A secretaria estadual do Mato Grosso fez a primeira campanha, a segunda campanha com gasolina, até o outro ano que não tinha como botar.

LM – Olha, só, que interessante.

IF - E a população também...

AB – Também...

LM – Ajudou.

IF - Começou a... É, é, para não, não faltar, para não ter essa... Foi impressionante, tem essas coisas assim que... Mas tudo isso é... sempre evita. Mas, por quê? Porque você tinha uma proposta, uma decisão política boa, né? Instrumentalizada, a... transparente, que as pessoas acreditavam, então, o que você pedia... Se você pedisse saco plástico para gelo, você ia ter que

arranjar um depósito imenso porque todo mundo ia dar. E aconteceu isso. Alguns municípios que não tinham, não conseguiram comprar saco plástico para botar o gelo, porque senão o gelo derretia, molhava... A gente recomendava que o gelo dentro da coisa estivesse dentro do saco plástico, alguns municípios não conseguiam. Aí era só pedir na cidade; teve cidade que deve ter saco plástico guardado até hoje, (risos) todo mundo deu, quer dizer, toda essa coisa...

AB – Aí usava igreja para pedir, usava associação...

IF - Claro, os padres, os tudo... Botava o alto falante na rua: “Olha...”

AB – Usava também os Rotary

IF – Tudo, o Rotary trabalhou muito com a gente, quer dizer, então essas coisas todos teve a... Eu acho, continuo achando, o nosso trabalho foi muito legal, sem dúvida, agora, se não tivesse o outro lado que também se mobilizou e levou, não ia adiantava nada. A gente ia estar lá no posto com a vacininha geladinha, tudo bonitinho, mas não tinha boca para pingar, quer dizer, o outro lado, a nossa educação trabalhou muito bem, a educação e saúde, muito bem. A mobilização foi ótima, a conscientização foi muito boa, foi muito boa, porque senão, a gente tinha ficado lá e... e aí? Toda parte científica maravilhosa, a vacina controlada, conservada e...

AB – E aí?

IF - Não ia ter onde botar, não é?

LM – Hum, hum.

IF - Então essa coisa foi..., essa junção, por isso foi legal, não teve assim: “não, educação não“. Tem tudo haver, todo mundo misturado, era junto... Essa Cristina que está vindo aí, a gente viajava, ela era uma das educadoras, era ela, Laura Botelho, quem mais? Então, a turma toda, o tempo todo junto, fazendo... Eu e ela pegando um “rabo de foguete” danado, o primeiro dia nacional de vacinação...

AB – Aí já mesmo 14 de junho.

LM – Junho.

IF - A uns dez dias antes, uma semana antes, o governador do Mato Grosso do Sul, aquele Miranda, esqueci o nome dele agora, mas chamava Miranda, demitiu do secretário de saúde até... toda equipe. Aí pediu ajuda para o ministro Valdir Arcoverde, que ele tinha botado uma pessoas lá, que nem sabiam que estava acontecendo com a campanha.

LM – Caramba! Uma semana antes.

IF - E assim faltando uma semana, dez dias. Aí o Risi pediu para mim ir para lá; se eu podia ir para lá. Eu falei: “É, eu vou, né? Fazer o quê?” Aí fui eu e Cristina. Foi uma loucura, foi uma loucura! E a gente olhava aquele pessoal que não estava entendendo nada do que estava

fazendo; você não podia... Você tinha que interferir, mas também sem..., né? Tirar a autoridade dos caras. Quer dizer, na realidade, nós assumimos aquele negócio lá, mas assim, bem sutilmente, não é? Foi um negócio assim... impressionante. Um negócio impressionante. Aí nós ficamos faltava 3, 4 dias..., todo mundo esgotado, chega lá numa sala que a gente estava de coordenação, chega lá um baixinho assim, prefeito de Mundo Novo, um município onde tinha sete quedas bem ali embaixo.

LM – Hum, hum.

IF – De um lado era Mundo Novo e outro lado de Paraná, sete quedas, dizendo que ele estava, tinha ouvido falar do município dele, que ia ter campanha de vacinação, que ele pegou na rádio do Paraná, “que história que era essa?” E agora? Eu falei: “vai ter prefeito” “Mas eu não estou sabendo de nada...”. “Não, eu vou lá com o senhor, vamos lá.” O idiota achado que era ali, entrei do jeito que eu estava, estava com uma calça jeans e uma camisa, entrei no carro do prefeito e tome 14 horas de viagem para chegar no “diabo” da cidade.

LM – Nossa senhora!

IF - Eu falei: “Prefeito...”; “Não, não, vamos lá, dá” Aí fomos montar a campanha em 2 dias.

LM – Nossa!

IF - Genial, né?

AB – Meu Deus do céu.

IF - Isso deve ter acontecido aos montes, que a gente não ficou sabendo. Essa daí, por acaso, a gente ficou sabendo, mas deve ter sido um monte de gente aí...

AB – Isso é conseguir montar do pequenininho para o pequenininho.

LM – É.

IF – Mas é uma cidade pequena, tá, tudo bem. A... nós começamos a chegar, ele falou: “o que eu faço?” Eu falei: “chama as lideranças, os vereadores, as pessoas, né, importantes da cidade, os comerciantes... Mas vamos conversar com eles, porque todo mundo tem que entrar nesse negócio, ué?”. Aí chamou lá um monte de gente, começamos a falar lá, e tinha aqueles caras: “não, não sei o quê... Mas não tem carro doutor...” Falei: “tá bom, mas isso a gente resolve.” “Mas não tem carro doutor” E me encheu tanto o saco, falei: “o senhor tem carro? Qual é o seu carro?” “Uma caminhonete” Falei: “prefeito, confisca” - na hora pode -, “confisca”, “está confiscado, vai trabalhar na campanha. O senhor vai ver seu carro domingo depois da campanha” Pronto, e era assim a coisa.

AB – E aí pensar vacinação...

IF - E para mim vir embora de lá, o perfeito falou: “vou pegar um carro para te levar de volta para Campo Grande”. Falei: “Prefeito, eu não tenho moral, acabamos de confiscar o carro do

cara, como é que o senhor vai pegar um carro para me levar em Campo Grande? Deixa comigo (assobio)

LM – Carona.

IF - Carona. Peguei 4 carona até chegar... Aí cada cidade que eu passava, eu ia ver como é que estava... (risos) Aí voltei para Campo Grande. Foi genial. Campo Grande, no meio da campanha...

AB – E a equipe que você encontrou nessa prefeiturazinha?

IF – Pequena, mas o interessante é a... até hoje, o pessoal auxiliar de enfermagem são um pessoal assim, bacana para organizar, né? São super organizados, tudo... bota as caixinhas...

AB – Metódicos, né?

IF - Metódicos, então, é o melhor profissional para você colocar. Eles vão lá, arrumam tudo direitinho e tal, faz lá. São um... e sempre tem, né? Sempre tem e..., então, dá, você consegue.
AB – E eles já tinham alguma noção da aplicação da vacina?

IF - Não, não, levamos uns... Ah! Sim, fizemos um treinamento lá rápido, mas pouco, né? Um cidade pequena, muito pequena, né? Muito pequena. E o pessoal que trabalhava lá, auxiliar de enfermagem que trabalhava nos postos, faziam com vacina, sabiam aplicar vacina, inclusive anti-pólio oral. Então, não foi... Foi mais de organizar a população e tal, chamar logo, mas, pequena, a gente resolve. Mas, então tem essas coisas, e deve ter o acontecido isso num monte que a gente nem soube e não fez...

LM – E nem ficou sabendo.

IF - E nem aconteceu também, sei lá, vai saber, vai saber! Essa foi por acaso.

LM – É muito aventura, né, Ivanildo.

IF – É, aí a gente está em Campo Grande no dia da vacinação, às 15 horas ligam de Corumbá, “acabou a vacina, está faltando vacina no município de Corumbá.” Lá a Marinha estava trabalhando, que tem um rio ali, né? A Marinha que trabalha, tem uma fragata da Marinha lá. Aí eu ligo para Brasília, para Dr. Risi: “Ah, fala com Fernando, Fernando Gomes, você conhece”. Ele falou: “Não tem problema, daqui a pouco eu te ligo” Depois de uns vinte minutos ele me liga: “oh, já está saindo um avião da FABE, o jato da FABE vai descer aí em Campo Grande e deixa uma parte aí, já estou fazendo contato para ver se dá para descer lá em Corumbá, não sei o quê...” Eu disse: “pessoal, está vindo um avião da FABE...” Eeeeh! Todo mundo ficou alegre. Até hoje eu estou esperando esse “diabo” desse avião da FABE. (risos)

LM – Ué? Não foi...

IF - Não tinha, não estava, não estava, não dava; não tinha, não tinha como. Aí, o que aconteceu? Só com aquela nossa relaxamento lá, as pessoas foram se virando lá em Corumbá mesmo: "oh, enquanto não chega, pega no posto do outro; pega dali para cá, vai levando. Se tiver acabando do outro, pega... vai lá..." E começaram a se organizar, acabou...

LM – Aí vacinou todo mundo.

IF - E eu lá, cadê o avião? Ligava, Fernando: "pô! Já deve estar chegando aí, calma" E eu lá (risos)

LM – (risos) Meu Deus do céu, o que será que aconteceu com esse avião?

IF - E eu fiquei esperando até hoje e o avião ainda não chegou. (risos) Ele nem saiu.

LM – Claro. (risos)

IF - Mas só aquela coisa, quando eu falei: "gente, está vindo um avião" Todo mundo: "eeeh, legal" Relaxou, aí ligamos para Corumbá: "olha, aí, vai remanejando porque está vindo um avião de Brasília, vai passar aqui, depois vai aí, vocês vão remanejando tranqüilo que vai dar certo..." Aí foram lá tranqüilo e deu.

AB – Só o remanejamento resolveu.

IF - Foi aquele susto, entendeu? "Está acabando a vacina, acabou" Então, começaram... "bom, enquanto o avião não chega, manda buscar lá naquele bairro e tal, que ainda tem; manda buscar não sei onde..." E acabou a gente estabelecendo mais uma estratégia que depois ficou inscrita, antes de pedir socorro por vacina, remaneja de onde está sobrando .

LM – Isso, isso.

AB – Mas um...

IF - Isso foi o "diabo" do Fernando Gomes, que me deixou esperando o avião até hoje.

AB – E deu o ensinamento. Tem que dar esse crédito para ele.

IF - Não é? Quer dizer, então, é legal isso, super... Mas na hora lá...

AB – À duras penas, né?

IF - E passando a hora e pô! E todo mundo perguntando: "e o avião?" "Ah, já deve estar chegando." Avião, Risi, cadê o avião. "Eu não tenho nada haver com isso". Tá bom, e nada do avião chegar. E não chegou, mas se resolveram. Quer dizer, mais uma coisa que você, não é? Essa é mais uma, essa, não tem essa, "tá acabando nada". Calma.

AB – É, remaneja, remaneja primeiro. A cobertura que teve, nesse primeiro dia, foi na expectativa que vocês tinham?

IF – Eu acho... É, foi, foi, e agora, eu não posso te garantir assim, jurar por Deus que ela é real, porque a maioria deu 100%; 99, 98, 100%, 101, 102. Claro, absurdo. Mas a nossa avaliação não foi nem a numérica, quer dizer, quando deu, foi o impacto de mil não sei quantos casos, cai para 300...

LM – Poxa...

IF - Opa. 100% ou não, impactou. Aí o Becker fazia os estudos epidemiológicos e tal, ele, realmente, ele ia...

AB – Teve uma mobilização, as pessoas foram todas e teve vacinação infantil.

IF - Claro, claro. Então, nós tivemos um impacto, esse é que é mais importante, depois teve pesquisas, enquetes e tal, que mostravam que a... invés de 98 como tinha dito, foi 89. Tudo bem, mas só que o impacto na circulação da doença houve, que começou a cair caso atrás de caso. Quer dizer, você chegou em 84 com 112, 85 com sessenta e poucos partindo de mil e “cacetada” em 80. Aí chega em 86 nós tivemos uma epidemia, um surto.

LM – É.

IF - Aí foi quase que a gente que morreu. E gozado, que também nunca ninguém ligou para isso, foi, aconteceu em Aracajú, Araripina e Arapiraca. E a gente estava com medo que acontecesse em Araraquara, porque era tudo igual, Aracajú, Araripina, Araraquara; parecia que tinha alguma ligação com a estrutura do nome da cidade, não é possível, essa três cidades igual. E ali foi feia, mas ali foi problema da vacina que houve uma..., uma alegação que a rede de frio falhou e eu “subi nas tamancas”, falei que não falhou. E uma determinada pessoa, muito influente falava: “falhou a rede de frio” Eu falei: “não falhou” Desafiei, entendeu? O cara do CDC fez coleta de vacina no Brasil inteiro, aleatoriamente testou. Não tinha uma, uma dose sequer com problema, comprometida por conservação inadequada.

LM - Hum, hum.

IF - Aí, essa pessoa, eu fiz na reunião de Lima, deve estar aqui... de Lima, Lima, de mil e novecentos e não sei das quantas, deve ser uma dessas aí...

AB – Quer dizer, nem a vacina estava inadequada, nem a cobertura tinha sido ineficaz.

IF - Não, não.

AB – Quer dizer, não era um problema de cobertura também.

IF - Não senhora.

AB – Tá.

IF - Aí eu fiz esse sujeito que... desmentiu. Agora, o senhor de posse dos dados do CDC de Atlanta, que o senhor acredita, que o senhor é americano, porque se fosse um laboratório brasileiro, o senhor não ia acreditar.

LM – É.

IF - O senhor, por favor, leia. O Ciro falava: “Ah, não faz isso, ele vai acabar com você para o resto da vida.” “Que vai acabar comigo, não é nada para mim.” Faz, aí ele leu assim: “bababa..., o CDC realmente comprovou que não é. Vamos para outro assunto” Aí eu falei: “perai, perai, está vendo, todos os países queriam provar que não foi, é muito mas fácil você acusar a parte mais frágil simplesmente do que tentar ver o que... Eu queria mostrar que vocês não se preocupem, a vacina é super resistentes, se elas agüentam a rede de frios do Brasil, ela agüenta o de vocês fácil, país menor e tal”.

AB – Claro.

IF - O cara ficou uma arara, uma arara.

AB – E aí...

IF - Realmente, o cara era importantíssimo, veio a ser até o Ministro do Clinton de Saúde lá, e por isso que eu nunca fui para fora. (risos)

LM – (risos)

AB – Fica aqui dentro, tá bom. (risos) E aí a questão do nordeste era mesmo da formulação da vacina, né?

IF - Exatamente. Aí, juntou, né, o Akira, o Hermann Schatzmayr, Jorge Bermudez, foram os três que realmente..., nós, de posse desse negócio da rede de frio, a gente batalhou, a gente buscou, a gente foi, todo mundo discutindo, estava nessa história também o Milton Menezes, que na época estava dirigindo lá uma..., já o Projeto de erradicação da pólio, em 85 se propôs...

AB – Já coordenava...

IF -... a erradicação, a gente estava no controle, depois a erradicação; então foi criado, o Risi criou um grupo só para pensar na erradicação. A gente continuava com as campanhas e tal, etc., mas ele já pensando na erradicação, já na mudança das notificações, fazer as notificações negativas, aprimorar o laboratório, então, aí o Milton Menezes, que coordenou esse grupo, então, ele participou, mas aí o Akira, o Jorge e Schatzmayr chegaram a conclusão, claro, ainda era suposição, né? De que provavelmente, como era por poliovírus 3...

LM – Isso.

IF - 3 ali, provavelmente, com todas as características que nós vimos, a epidemiologia da vacina estava boa, dos casos como aconteceram etc., etc., que provavelmente tinha um problema da concentração estável e suficiente naquele momento. Ou era esse problema da vacina não ser mais suficiente, aquela concentração do Pólio 3, ou a outra hipótese era uma mutação vírus selvagem, não é?

LM – Sim.

IF - Felizmente não foi. Foi a... Aí foi feito todo um estudo e eles trabalharam, aí a Fiocruz começou a produzir já a vacina, um lote, né? Com o poliovírus 3 duplicado a quantidade, e nós entramos nesses três municípios e, então, foi a prova prática, né?
(INTERRUPÇÃO)

LM – Era muito quente, né?

AB – A gente está conversando sobre 1986, você está colocando essa questão do nordeste.

IF - Ah! Quando foi feito a vacina com a formulação nova.

AB – Isso, nova. E aí me explica uma coisa, foi daí, então, que surgiu a necessidade dos dias nordestinos de vacinação?

IF - Foi.

AB – Que é que era essa perspectiva...

IF - Foi a partir daí, porque a gente não sabia até que ponto..., porque aconteceu naquelas três cidades o surto, mas a vacina usada em todo o Nordeste era a mesma que tinha sido usada lá. Então poderia em algum momento ter uma..., uma..., em algum outro município alguma coisa, porque ali foi detectada e de repente em algum não foi; então seria um reforço para não correr o risco de acontecer alguma coisa.

AB – De acontecer.

IF - Absolutamente preventivo.

AB – E esses dias é, nordestinos, continuaram acontecendo até 94, mais ou menos.

IF - Eu acho que foi... 94, eu não sei. Em 90 eu saí.

AB – E tiveram dias diferenciados.

IF - Era, era... era o terceiro dia.

AB – Específica, eram dois dias de campanha e tinha o terceiro.

IF - Isso, isso, isso.

AB – Né? E ficou só no nordeste mesmo, nessas cidades.

IF - Hum, hum.

AB – Ou chegou a se fazer um terceiro dia na Amazônia e em outro lugar?

IF - Não, não. Em alguns municípios, em alguma coisa, quando a cobertura não tenha sido satisfatória...

AB – Aí...

IF - Aí voltava lá, mas voltava naquela...

AB – Naquela comunidade.

IF - Não necessariamente no estado inteiro.

AB – Certo.

IF - Até a primeira campanha que a gente fez em Arapiraca, quando deu o problema, nós fomos para Arapiraca, em Arapiraca desceu tudo, Risi, Fernando Gomes, eu, a Cristina foi, foi...

AB – Nossa, Arapiraca ficou...

IF - Foi uma coisa, chegamos lá, resolvemos montar a campanha de vacinação. Foi um fiasco, um fiasco! Não chegamos a 60%. Com todos os... os iluminados.

LM – Por que, Ivanildo?

IF - Porque a gente fez a coisa: “vamos fazer mais ou menos” E não... tinha acabado de ter uma campanha, você chegar lá e faz outra não esclarecendo o suficiente a população...

LM – Por que é que estava havendo uma outra.

IF - A vida era... Tem que fazer outra, e aí fizemos tudo como a gente mesmo falou que tinha que fazer, envolvimento da população e etc., e aí pá. Foi um fiasco...

AB – Ou você conquista e mobiliza para pessoa estar ali com você...

IF - Tinha acabado de ter uma vacina. Outra? E a gente não falou por quê. Chegamos assim cheio de... cheio de autoridade, “tá, vamos fazer aqui, tatata”. Não deu, ficou uma porcaria.

AB – E as notícias dos casos de pólio corria também.

IF - Pois é.

AB – E ainda tinha que lidar com isso.

IF - É.

AB - ... Mas tinha um surto de pólio.

IF - Então, é o que ficava até mais fácil para gente, chegava: “Oh, população, está havendo... oh...”

AB – Aproveitar isso e...

IF - “Aconteceu isso, precisamos de novo que vocês participem, etc.” Não tivemos essa humildade, nós chegamos lá metendo o “pé na jaca”, e “metendo o pé na jaca” mesmo, uma “porcaria” o resultado. (risos)

AB – (risos)

IF - Para você ver como é, impressionante.

AB – Eu vou voltar só um pouquinho o tempo, só para entender como é que você vai trabalhar na coordenação do PNI.

IF - Ah! Foi logo em seguida da primeira campanha.

AB - Porque logo em seguida da primeira campanha, você vai...

IF - Tinha que ter alguém, porque na realidade é o Risi, então, toda a cúpula lá, mas não tinha assim, alguém que respondesse por aquilo, tinha que ter alguém que respondesse para..., alguém que fosse um contato aqui para falar: “A turma da vacina”, ou receber do estado... O estado ligava e tinha que falar, com quem falava? Com Becker? Sim, mas o Becker era, teoricamente ele era o coordenador, porque a imunização estava dentro do Departamento de Epidemiologia dele, mas ele fazia, estava ocupado com outra coisa, com a epidemiologia mesmo e etc. Então tinha que ter alguém para responder por isso, internamente e para o externo também. Então, o Risi achou...

AB – E aí o PNI...

IF - ... pela experiência que a gente teve e etc., etc...

AB – Os acúmulos que já tinha.

IF - Ele me botou como o coordenador do PNI.

AB – E aí, a imunização nesse momento, era a pólio a “cabeça”, quer dizer, era a doença alvo.

IF - É isso. Mas eu, mas...

AB – Mas vocês tinham as outras.

IF - Toda, toda a vacinação... Se você quiser abaixar pode abaixar, eu já esfriei.

AB – (inaudível).

IF – É, isso. Então, a... era tudo, era a rotina de vacinação, tudinho, tudinho, tudo, tudo, tudo. Mas, claro, que o grande chefe, o carro chefe era a campanha.

LM – Campanha.

IF - Mas eram duas vezes por ano. E na segunda, então, já na segunda, já como coordenador, o Risi me botou uma incumbência, “que tal a gente fazer uma experiência de multivacinação?” Já para Segunda, aí nós escolhemos João Pessoa para fazer isso.

AB – Quer dizer, já em 81.

IF - 80.

AB – Ah! Em 80, era o segundo de 80.

IF - É, agosto de 80.

LM – Dois meses depois.

IF - Já fizemos em João Pessoa e em Baiê?; Baiê? é um município grudado a João Pessoa chama-se Baiê?, já fizemos lá sarampo e DPT junto com a pólio. Também foi um problema, porque aí aparece a figura da agulha para espetar a sua criança.

LM – Sarampo, né?

IF - E a DPT também, a tríplice.

LM – É, a tríplice.

IF - Quer dizer, então, já... o treinamento das equipes... Quer dizer, gotinha, você treinava professora...

LM – Qualquer um faz.

IF - ...Você treinava qualquer pessoa.

LM – Até o ministro da Saúde, né? (risos) Que é um economista hoje.

IF - Até o ministro consegue dar. Então aquela gotinha era mas fácil, agora, e as duas são diferentes, a sarampo tem uma técnica de aplicar com uma agulha desse tamanhinho e subcutânea, a DPT, é intramuscular e é desse tamanho.

LM – Nossa.

IF - Então, quer dizer, ainda tinha duas técnicas diferentes, então você não podia treinar qualquer pessoa para enfiar agulha...

Fita 2 – Lado B

IF - Entendeu? Então, nós fizemos, quer dizer, eu assumi a coordenação por causa disso. Quer dizer, assumi, eu já estava lá, estava todo mundo, então, o Risi falou assim: “Oh, você fica responsável pelo programa dentro da Divisão Nacional de Epidemiologia”. “Sim, senhor”. Montei uma equipe, poucas pessoas, pouquíssimas pessoas...

AB – Quem você destacaria dessa equipe?

IF - Ah... Naquele momento, quase nada, a Cristina, que era educadora, e a Ana Rosa que trabalhou para gente, uma médica, mas era só isso, porque a gente usava outras estruturas, distribuição de vacinas tinha aqui, estava aqui na Fiocruz, a... toda a parte de epidemiologia era feita pela Divisão, quer dizer, então ficava só a logística mesmo da Fundação.

AB – Na logística.

IF - Aí, depois nós levamos para lá uma pessoa maravilhosa, a Isabel Estéfano.

LM – Hum, hum.

IF - Que chegou a ser depois a presidente da Fundação Nacional de Saúde, ela fez as (incompreensível), coitadinha...

LM – Ahn...

IF - Bom, então, a ... aí recebo essa incumbência de fazer. O Risi achava que a gente já devia começar a prever, que um dia isso ia ter que ser feito; até porque a rotina não era boa, as coberturas de rotina, então, existia aquela corrente, né? Acaba com a campanha, com a sua campanha, acaba com a rotina...

AB – Pois é, fala um pouquinho para gente isso...

IF – Eu nunca discuti, eu sempre quando ia nas discussões, nas conversas, nos seminários, não sei o quê lá, o pessoal vinha me dizer que o Ministério... Aqueles sanitaristas..., o pessoal mais cheia de..., muito politizado, sei lá o quê, chegava: “não, um absurdo, estão acabando com o serviço de saúde, com as campanhas...” Não, eu encaro isso como estratégias diferentes.

LM - Hum, hum.

IF - Estratégias, eu tenho que ter uma estratégia para cada coisa, naquele momento, quando você toma a decisão política de controlar e depois erradicar a pólio, não ia ser com vacina somente em rotina. Você tem que optar. E mesmo depois quando começam a multivacinação a nível nacional, por quê? Porque houve uma decisão também forte de reduzir a mortalidade

infantil e um dos componentes da..., para a redução da mortalidade infantil eram as doenças transmissíveis, principalmente as evitáveis por vacinas. Quer dizer, então, você tem um instrumento na mão, que é a vacina. Ah! Tem que usar. E num país como esse, você acha que vai funcionar a rotina? A mãe tem 3, 4, 5 filhos já trancados lá na favela, vai trabalhar o dia inteiro, quando é que ela vai levar? No sábado que ela pode levar, o posto está fechado. Então, é..., é... é bobagem..., eu achava uma bobagem discutir isso. Mas aqueles caras turistas, políticos... Eu enfrentava a coisa assim, é estratégia, você tem que optar por um ou por outra. Nós optamos pelas duas.

LM – Hum, hum.

IF - Acontece as campanhas em dois episódios, que todo mundo já sabe, e a rotina taí, continuando. A gente complementa a rotina com a campanha, a campanha..., a rotina pega as pessoas que não foram na campanha por acaso. Quer dizer, então eu nunca... nunca polemizei muito esse negócio, não.

AB – Colocar nessa...

IF - Senão, você não sai disso, porque a coisa ou era ideológica ou... entendeu? Ou era contra porque era o governo, então, não adianta você se chegar nisso. E qual é a melhor estratégia? Na Inglaterra, eu acredito que seja rotina.

LM – É.

IF – Agora, aqui! Com essa dificuldade? É só olhar aqui para saber que esse povo todo, que está todo mundo trabalhando...

LM – É.

IF - ... Os meninos preso em casa, que dia vai vacinar? Que hora? Quer dizer, eu defendo a rotina, eu acho que tem que ter, tem que ser boa, a cobertura de vacina na rotina tem que ser a máxima que você pode, tem que dar sangue para ela ser a melhor. Claro, claro. Agora, você não pode ser tão purista e falar assim: “não, isso vai segurar” Porque não vai segurar, porque a rotina, o dia a dia não dá conta por causa dessas coisas extra saúde. Tem um posto aqui embaixo da Escola, não tem? Então, taí, ué! Agora, não é culpa deles se a... quando a mãe sai daqui já vai agendada para o dia que tem que voltar e tal; se naquele dia a mãe não tiver o dinheiro da condução, ou mudou, o marido foi baleado ali, não sei o que lá, ela voltou para casa da mãe no interior do não sei aonde. E aí? (barulho) Oh... Já caiu um negócio aqui...

AB – (risos) Sinais.

IF - Meu Deus do céu.

AB – Me explica só uma coisa, no livro do PNI, eu fui olhar sobre questão da vacinação, aí eles dizem assim, que em 84... Quer dizer, teve essa primeira tentativa em 80.

IF - Isso.

AB – E aí foi pensando e estruturando o trabalho.

IF - Claro.

AB – E em 84...

IF - Pumba!

AB – ...Introduziu mesmo como estratégia.

IF - Isso, isso.

AB – Então, aí não é uma questão de complementar a vacina da criança, é para impactar mesmo...

IF - Para impactar mesmo nas doenças transmissíveis.

AB – Nas doenças transmissíveis e complementar também e tal.

IF - Claro, claro. Porque era registrado em carteira.

AB – E depois eles dizem que em 90 teve uma retomada dessa...

IF - 90 teve, teve.

AB – Quer dizer, teve um período aí que você...

IF - Sabe por quê? Porque chegou...

AB – ...abandonou a vacinação?

IF - Não, não é que abandonou, ela..., vamos dizer assim, ela não era obrigatória.

AB - Hum, hum.

IF - Ela não era: “todo mundo, todo mundo tem que fazer e tal” Não. “Pólio, todo mundo”. Aí São Paulo não queria fazer sarampo, São Paulo não queria fazer não sei o que lá, o outro só queria fazer BCG, o outro só queria fazer... Tudo bem, então teve essa flexibilidade.

AB – Hum, hum.

IF - Entendeu? Até porque teve situações que a gente não tinha vacina para todo mundo, então, tinha que aceitar alguns estados: “Ah, não, não pode”. “Oba, que bom que ele não quer, que aí vai dar para o outro lá.”

AB – Hum, hum.

IF - Isso a gente teve que engolir, mas teve essa flexibilidade, sim.

AB - Essa flexibilidade toda.

IF – Sim, teve. A..., porque tinha, não tinha jeito, não tinha jeito; porque, inclusive, você já imaginou o que é... Nós falamos até agora a pouco dos 100 milhões de doses de pólio, aí ia ter a tríplice, ia ter sarampo, ia ter não sei o que lá, fora tudo isso, seringa...

LM - Material descartável para isso.

IF - Ia ter umas... 3 milhões de bundinhas para espertar, 4 milhões, ou seja, 4 ou 5 milhões de seringa para um tipo de vacina, mais 4, 5, 6 milhões para outra.

LM - Para outro tipo.

IF – Quer dizer, então, tudo isso limitava um pouco a você abrir; alguns estados só faziam na capital a multivacinação, porque tinha mais gente capacitada, pegava os estudantes de enfermagem, estudante de medicina e botava para trabalhar.

LM – É.

IF – Agora, lá em... no interior da Amazônia, não tinha ninguém, nem farmácia, para ser usada a farmácia para... Quer dizer, então, não era, não tinha essa obrigatoriedade em função de todas essas... detalhes, essas coisas, isso já estava trabalhando com agulha na mão, quer dizer, tem que ter um pouco mais de cuidado...

LM – Cuidado.

IF - ... e botar na mão de gente, não é?

AB – Ter outro tipo de treinamento...

IF - E quando... Você quer ver? Foi em quando... Eu não lembro a data agora, foi feito junto no nordeste a aplicação de vitamina A junto a vacina de pólio. A carência de vitamina A no nordeste é muito grande e leva a uma série de problemas, até cegueira, etc., e o UNICEF pediu para gente fazer junto, “ótimo, vamos fazer juntos”. Meu Deus do céu! Era uma bolinha assim de plástico, tem que furar e apertar, é um óleo ali dentro. (Incompreensível), você lembra quando a gente fez vitamina A junto com pólio no nordeste? Você lembra que teve aquela experiência?

? – Lembro, lembro. Eu não lembro o ano não.

IF - Valeu.

? – Não tem problema.

LM – (risos)

IF - Houve, houve, houve...(risos)

LM – O importante é a história.(risos)

IF - Aquela bolinha é a coisa mais fácil, só que você furava, a vitamina A é um óleo, aí velava a bolinha, aí assim, “psss”, aperta no olho da criança, sabe o que acontecia?

LM – A bolinha ia na garganta. (risos)

IF - Ia tudo, era um tal de correr com a criança para o hospital com aquele negócio encalacrado aqui no meio da garganta. Um negócio sério, é. Dá risada, mas na hora ali, você oh..., você ficava com..., pensando: “Meu Deus, se um desses morre sufocado aqui, o que eu faço, né?”

LM – Meu Deus, será que não tinha jeito mais simples, né, Ivanildo.

IF - Mas era assim que a UNICEF fazia.

LM – É, pois é.

AB – Fazia.

IF - Por causa da bolinha, o que era claro que ia acontecer isso, porque era uma bolinha de plástico, assim, parecia uma lágrima, na realidade tinha um formato de uma lágrima. Aí você tinha que segurar aqui, quando estava sequinho, tudo bem, agora, quando você furava...

LM – O óleo escapava.

IF - O óleo... puh!

AB – Saiu. E aí...

IF – E a sensação era pára com isso, não vamos mais fazer isso...

AB – Não vamos fazer mais.

IF - ...porque uma mãe fala para outra que foi tomar vacina e aí jogaram um negócio e ficou, o menino teve que ir para o pronto-socorro, teve que não sei o que, aí essa coisa se espalha e...

AB – E essa era uma das coisas que o senhor ficou como coordenador das campanhas nacionais.

IF - De quê?

AB – Desse período que você ficou, de 81 até 90, que você estava no PNI e também estava coordenando as campanhas nacionais.

IF - É claro, claro.

AB – Então, esse tipo de... Vai tentar, mas também vai avaliar que não é suficiente...

IF - Claro, não vai fazer, mas não... Claro, exato.

AB – Ou estruturar...

IF - Esse tempo que eu fiquei no PNI, eu...

AB – Você ficou coordenando as campanhas.

IF - ... as campanhas, claro, claro.

AB – E assim, a questão de compra de vacinas...

IF - A questão de compra, a nossa parte, quer dizer, a nossa parte mesmo é o seguinte: recurso, a SNABS conseguia no orçamento do ministério, passava para Fundação Oswaldo Cruz os recursos, nós lá definíamos quantidade junto com Akira Roma, o pessoal do laboratório, Jorge Bermudez e etc., etc., as especificações do produto, e era feito uma concorrência aqui pela Fiocruz.

LM – Hum, hum.

IF - Era feita aqui a concorrência. Por quê? Porque tinha mais capacitação técnica, a gente podia fazer lá a concorrência, mas a própria Fiocruz, o selo Fiocruz, o edital de concorrência para compra de vacina já era..., os laboratórios já tinham mais, né, saber com quem iam estar mexendo. Segundo, você tem um corpo técnico aqui, os laboratórios, etc., etc., que podia dar

toda a nossa segurança para gente e agilidade por ser Fundação. Administração direta tem cheia de coisinhas, demora e tal, a Fundação era mais ágil, né? Para fazer esse tipo de compra. Então, era assim a compra, tá; com recurso nosso passado para Fiocruz, a gente definia quantitativos, apresentação e, apresentação que eu digo, tamanho de frasco 5, 10, 25, 30 etc., etc., conforme a vacina, e as especificações técnicas, tudo era definido por nós e a Fiocruz operacionalizava e já vinha direto para a central de armazenagens.

LM – Hum, hum.

IF - Ia, o INCQs fazia a amostragem, aprovada ia para distribuição, não aprovada, devolve. Aí era aquela confusão quando tinha que devolver, era uma briga danada...

AB – Porque aí, você batia com os laboratórios internacionais, estava falando...

IF - Por isso que era bom, porque era a Instituição Fiocruz, conhecida a nível mundial, discutindo com o laboratório A, B ou C dizendo: “não, o teu produto não está bom, por causa disso, disso e disso, está aqui o resultado”. Não era um resultadosinho, era um resultado da Fiocruz, quer dizer, então, essa coisa foi muito importante, esse peso científico da Fiocruz, nessa história não era só compra; era compra, mas era um respaldo técnico científico para dizer: “não está boa, meu amigo, volta”. Teve poucas, poucos refugos, mas teve, teve. E esse respaldo, poucos países tem; eles recebem a vacina lá de não sei da onde, com certificado deles e engolem porque não tem essa condição que nós temos, do Brasil, de ter uma estrutura dessas, e além dessas, outras, não vamos falar, só que tem outras, mas no caso a Fiocruz e chegar e falar: “não está boa, não; está aquém do padrão internacional, tá assim, tá assado”. Quer dizer, nós já tivemos vacinas que estava impróprio para uso, a vacina (incompreensível) antitetânico, não em função de estar contaminada ou estar com potência baixa, não é isso; é que ela estava com um componente, que se não me engano, não sei, sulfato de prata, alguma coisa que é um adjuvante a mais.

LM – Hum, hum.

IF - E nós com o maior problema de falta de antitetânica nos estados, época de colheita de cana no nordeste, que o pessoal se machuca e o risco de tétano é grande, e a gente sem vacina, e eu com essa vacina parada aí, porque estava fora dos padrões.

LM – Sim.

IF - Mas, aí eu fiz uma consulta, o que é que acontece se aplicar essa vacina? Resposta, não foi essa claro, todo um detalhamento e um palavreado muito mais bonitinho, mas assim: “vai doer para burro o local da aplicação”. (risos) Mas, então, dane-se.

LM – Ah, meu Deus.

IF – Antes a dor do que... Mas foi uma confusão também, mas eu avisei os estados, e teve estado que não quis receber, estado recebeu. Realmente, teve gente que foi parar em pronto socorro com dores...

LM – Caramba.

IF - E era...

LM – Da vacina.

IF - Mas aí você tinha que tomar uma decisão meia doida, e eu estava sem vacina, o risco de pegar... Eu falei: “Bom, vai doer eu não sei, eu, por mim, distribuo”. Mas consultei os estados, alguns toparam, outros não toparam, quem topou, eu mandei. Vai doer, vai doer, vocês vão ter... (risos)

AB – Avisa, avisa que vai doer, avisa que vai doer.

IF - Mas tem essa... Mas você vê, se não tivesse uma estrutura dessas, eu poderia não usar essa vacina por incom... por ignorância do que poderia acontecer, ou poderia usar sem saber que

isso ia acontecer, ia ser o Brasil inteiro gemendo de dor e eu levando... Quer dizer, então você vê a importância de ter um controle de qualidade que também se desenvolveu junto em função de todas essas coisas, não é?

AB – Todas essas coisas.

IF - Então, falou assim: “não, ela pode ser usada sim, ela está com a potência boa, está estéril, está não sei que lá, agora, aquele ali está mais e vai dar um problema, vai doer, vai doer, então, te deu condições de decidir se sim ou se não. Quer dizer, isso é importante para você, para qualquer gerente de programa, seja qual for, ter algumas respostas dessas assim, num organismo que nem esse, pô, você fica tranqüilo, né?”

AB – Estar bem assessorado, ter a quem perguntar.

IF – Não, e te instrumentaliza para decidir, então, isso é importante. Então, toda essa coisa..., é por isso que eu te falo desde o começo, a campanha é ótima, maravilha, eeh! Mas, tudo que foi se aprimorando em função daquela entrada do pessoal da SESP, aquela visão epidemiologia forte, realmente, então, você vê a rede de laboratório transformou, o INCQS é o que é, essa potência; o próprio Bio-Manguinhos, aquele parque industrial que fizeram ali ao lado, foi tudo com dinheiro do..., a maioria com dinheiro do PNI, não foi todo, mas 80%... O Akira vai reclamar, mas é doutor Akira, com dinheiro do PNI, por quê? Porque nós fomos melhorando em tecnologia, só aquela reformulação da vacina foi um baita avanço. Quer dizer, isso, e o Akira teve uma equipe sempre muito, muito competentes, muito, ele sempre mandou o pessoal para fora, o pessoal capacitado e tal. Você vê, depois veio a vacina (incompreensível) do Japão contra o sarampo, hoje nós já produzimos nossa vacina de sarampo e tantas outras que antes dependia tudo de fora, quer dizer, então tudo isso é um processo, né? Não dá para isoladamente...

AB – É. Você buscou em algum momento é, produzir a pólio aqui desde o início? Se pensou isso?

IF - Eu não sei, eu acho que não, porque não tinha condição é... Não é assim, “bota mais água no feijão porque está vindo mais gente”, o negócio é complicado, você tem que assimilar a tecnologia, fazer uma série de processos até ficar habilitado.

AB – E pelo tamanho de compra que a gente fazia, a gente não podia negociar com essa tecnologia, viesse...

IF - Não, não, podia, é claro, tanto é que veio, tanto é que hoje vem embutida nisso, demorou um pouco, mas vem embutida nisso, porque nós começamos a comprar da Rússia, como eu te falei, que foi na primeira campanha, que até tinha gente que falava que aquilo era coisa do comunista que ia..., quem tomasse a vacina ia ficar comunista e tal, teve essas histórias.

AB – E isso acontecia assim, divulgava, a população comentava isso, chegava a população...

IF - É, algum idiota falou um negócio desse e essa coisa corre, não tinha internet com aquelas piadas idiotas, mas de alguma maneira corria, né. Era gozado demais, ué! Então, foi comprado lá por quê? Porque os outros laboratórios não tinham essa capacidade, aí depois foi mudando, depois a Smith-Kline da Bélgica, depois não sei o que, chegamos a comprar no Canadá, da Connaught, mas depois nós fixamos na Smith-Kline, que era melhor, a embalagem melhor, era mais... E agora, eu não sei se foi a Smith-Kline que passou, mas, agora, uma boa parte, se não toda, já é feita aqui, não é? Aos poucos, antes a gente importava toda sarampo, agora depois com a (incompreensível), o Akira trouxe a tecnologia já...

AB - (Inaudível)

IF - Então, essa coisa é... tem que, não é só “ah, me passa tecnologia”. Me passa, mas todo o período de adaptação, de testes, de capacitação de pessoal, de compra de equipamento, etc.,

etc., até você conseguir produzir um primeiro lote, não deu certo, faz outro, até entrar... É complicado, é um processo longo, né?

AB – Me fala uma coisa assim, é... as coberturas, não no sentido de números não, mas o trabalho com as campanhas ao longo desse tempo, veio a primeira, veio a segunda, você está acompanhando isso, e aí vem a erradicação em 86. O PNI estava nessa, nessa grande reunião...

IF - Estava...

AB - ...que decidiu pela erradicação.

IF - Claro, claro..

AB – O que foi isso...

IF - Não, não é que o PNI estava, o...

AB – Era um grande grupo?

IF - Esse grupo, esse grupo capitaneado pelo Risi, o Roberto Becker, tal, é que junto com o pessoal de OPAS etc., etc., é que decidiram, e a gente, como o Risi sempre nos deu essa sensação de trabalho em equipe, e realmente ele trabalhava, é como se a gente estivesse ido na reunião decidi, mas foi discutido também internamente, claro, claro.

AB – Internamente, por que mudava o perfil das campanhas.

IF - Claro, claro. Não, não muito, mudava o perfil da epidemiologia, a epidemiologia sim, laboratório e a vigilância epidemiológicas revolucionou, virou de “ponta a cabeça”. Agora, para nós não, a gente só tinha que manter a nossa competência de manter a cobertura, e caiu; o pior que caiu, logo no começo, mas foi um impacto só, então, na realidade, as grandes mudanças foram na epidemiologia.

AB – Na epidemiologia e no laboratório para essa base de diagnóstico...

IF - Na clínica da pólio, na clínica, né? Do diagnóstico, no laboratório, porque aí começou a ter notificação negativa, que era uma coisa nova, busca ativa de casos, quer dizer, a epidemiologia se transformou. Agora, a campanha era só a gente continuar competentemente.

AB – E essa figura do “Zé Gotinha”, você pensar ele como um marco da erradicação.

IF - Não sei se é um marco da erradicação, mas é um marco da imunização. O “Zé Gotinha” surgiu da necessidade, exatamente, de a gente ter um símbolo. Vamos ter um símbolo, tudo tem um símbolo, não é? O “Bombрил”, “Melhoral”, não sei o que lá...

AB – Mas era um símbolo em 86, um símbolo quando começava a questão da erradicação; digo marco nesse sentido assim, porque foi pensado nesse momento que...

IF - Mas se você for ver, até aqui, o... quer ver, ele, na realidade, ele era do PNI, ele é do PNI, porque ó... essas cirandas do “Zé Gotinha” são as vacinas do PNI, cada cor dessa é uma vacina.

AB – Mas ele foi para o PNI em geral em 87.

IF - PNI, desde a criação, ele era o símbolo da vacina, não da erradicação, com certeza.

AB – Não, eu digo da pólio, ele era o símbolo da pólio.

IF - Pois é, é o que queriam, mas a gente sempre insistiu com a imunização que ele seria o símbolo da vacina, tá. Ele é branquinho, não sei o que, tal, mas seria o símbolo da vacina. Inclusive, no concurso que nós..., ele foi criado, a Cristina vai te contar também, é capaz de contar até melhor, porque ela participou da criação do “Zé Gotinha”. Ele foi criado basicamente de conversa minha, da Cristina, Salvador Heren?, que era o cara da UNICEF, um pouquinho de Laura e o Darlan Rosa, Darlan que é um artista plástico lá de Brasília, que era funcionário da CEME, inclusive, na área de saúde.

AB – O Darlan.

IF - Darlan Rosa, ele que em conversa com a gente, é que desenhou essa fofura aí, esse negócio aí todo redondinho que é o “Zé Gotinha”. Fizemos um concurso para escolher o nome dele, fizemos um concurso; aí o José Sarney era o presidente, não dá para entender porque...

AB – Quer dizer, ele tinha desenhado a figura e vocês fizeram um concurso...

IF - Nós não tínhamos nome, então, a Aristel Gomes, que é lá da comunicação do Ministério, junto com Cristina, que é da educação, bolaram: “vamos fazer um concurso, porque é mais uma mobilização em prol da vacina”.

LM – Hum, hum.

IF - É o símbolo da vacina, quer dizer, vai mobilizar o Brasil inteiro para discutir o nome do símbolo da vacina e falar da vacina, vacina, vacina, vacina, foi mais um... E aí veio nome que não acabava mais; era uma loucura! E tinha coisas muito mais interessantes do que “Zé Gotinha”, não tenha dúvida. Claro, porque, por exemplo, a gente queria que fosse símbolo da vacina.

LM – Hum, hum.

IF - E gotinha lembra a pólio só. Não é? Mas o presidente na época era o Zé Sarney, o governador de Brasília, que deu um patrocínio, chamava Zé Aparecido, aí apareceu lá um “Zé Gotinha”, quem é que não ia, a Comissão julgadora, um monte de “puxa-saco” não teve como não...

LM – (risos)

IF - Não, vai “Zé Gotinha”, tudo bem.

AB – E será que...

IF - O que eu mais gostei foi o que ficou em segundo lugar, que era imuni.

LM – Imuni.

IF - Imuni, era um nome tão gostosinho, Imuni, e já passa para a criança...

LM – A imunização.

IF - Exatamente.

LM – Imuni-zação da vacina, que a vacina propicia.

IF - Já passa o conceitinho, Imuni. E ele tem cara de Imuni.

LM – (risos) Será?

AB - Voltando um pouco para comissão que julgou lá, tirando os Zés todos, será que também não tinha nessa comissão também uma linha desse grupo que queria que fosse mais da pólio do que da...

IF – Não, era um cara do Rotary, era um cara da Associação Comercial não sei das quantas...

AB – É...

IF - Não, não tinha não, tinha não, tinha não. Mas, você ver, aquela ciranda do “Zé Gotinha”, e eu, até foram feitos bonequinhos cada um de uma cor: o roxo era o sarampo, o amarelo é a pólio, esses três aqui é o DP... Não, era BCG, esse aqui pólio, esses três DPT, esse sarampo. Oh, é, tinha bonequinho de plástico deles. Vocês chegaram a ver os bonequinhos? Tudo feito...

LM – De plástico, não.

IF - Bonequinho mesmo, para distribuir para as crianças, era uma gracinha.

LM – É.

IF - E foi, foi.., ele, se eu não me engano... É, foi isso aí, depois a UNICEF criou a irmãzinha dele, que não vingou, para diarreia, que foi para diarreia.

LM – Ah, é?

IF - Era uma gracinha. E depois fez para vitamina A também, que era um primo dele, mas também não vingou, aí fizeram outra coisa...

LM – Engraçado, aí só ficou o “Zé Gotinha” mesmo.

IF - É, é. E até hoje adorado pela criançada, é impressionante.

LM – É.

IF - É uma coisa impressionante! Só que, vocês não... vocês não podem imaginar, já tentaram matar, até hoje eles não usam muito, você vê que o Ministério da Saúde não usa o “Zé Gotinha”.

LM – Como o quê?

IF - O Ministério da Saúde não usa o “Zé Gotinha”.

LM – O ministério não usa.

IF - Pode perceber.

LM – É, nos cartazes é... oficiais de campanha...

IF - Não usa, eles enterraram o “Zé Gotinha” em 89. Eles acham isso ridículo, comunicadores que passaram de lá para cá. Agora, é só botar, ele que faz sucesso. Quer dizer, eles não, não gostam, não gostam. Mas não tem jeito, as secretarias todas usam e tem aqueles bonecos, alguns maravilhosos, outros mal feitos, mas tá.

LM - É.

IF - Mas o ministério não usa. Você pode olhar, você não vê propagando com o “Zé Gotinha” na televisão, nem nos cartazes, você pode procurar...

AB – E os ministérios tem equipe de...

IF - ...Eles crucificaram.

AB - ...marketing próprio ou usa agências...

IF - Tem, tem, tem, mas essa equipe é que controla as agências, controla as agências.

AB – Controla as agências.

IF - E várias agências, a gente é que aprovava ou não as campanha publicitárias. Várias, a gente..., os caras chegam lá com duas ou três proposta, a gente sempre escolhia, às vezes nenhuma delas, eles voltavam e faziam tudo de novo, mas a... a... eles têm que fazer o que a gente acha mais ou menos, não é? E a gente sempre, depois do “Zé Gotinha”, enquanto a gente esteve lá tinha que ter o “Zé Gotinha”; 89 eu não consegui, consegui não, baniram o “Zé Gotinha”, foi no último ano, em 90 eu saí.

LM – Hum, hum.

AB – E nessa sua atividade também de controlar as doenças, de participar dessa escolha das campanhas, de estar vendo como é que estava produzindo isso, você percebe assim, uma mudança na imagem e nos sentimentos que passavam as campanhas. Quer dizer, as primeiras campanhas e depois as outras, como é que você colocaria um pouco esse...

IF - Teve de tudo, teve coisa assim, a... a gente sempre foi contra, eu e uma boa parte do pessoal da educação, a gente sempre foi contra aquela coisa *dark*, aquele negócio *dark* de botar... Teve uma campanha de vacinação, a segunda do Dia Nacional, caiu no dia 13 de agosto.

LM – Hum.

IF - Aí tinha uma cadeira de rodas assim, preta com um gato preto em cima da cadeira, achei aquilo horrível.

AB – Foi a campanha que foi escolhida?

IF - Foi, era um grupo que escolhia, todo mundo quis, adorou: “Ah, que maravilha, impacto”. Impacto, é feia, feia! Ou então pegava aquelas crianças e saía arrastando... Eu acho que isso não é legal, entendeu? Porque a campanha fica uma coisa tão..., tão para cima, então, ela tem que ter, a mobilização também tem que ser assim nesse sentido, uma coisa boa, bonita, que

todos nós podemos estar, participar. Então, teve, ela teve alguns altos e baixos nessa coisa, não sei se influenciaram muito na cobertura, na mobilização da população. Não tive essa avaliação, foi feito um estudo, eu sei, a Aristel até deve ter isso, do tipo de comunicação na participação da população.

LM – Hum, hum.

IF - Mas foi feita alguma coisa dessas, quando era assim o negócio do gato preto e quando era da Xuxa, por exemplo.

LM – Sim.

IF - Uma diferença grande.

LM – Pô! Com certeza.

IF - Não é? Então, tem, deve ter, eu não lembro disso, eu sei que foi feita alguma coisa, nada assim... muito, um estudo completo, mas alguma coisa foi feita; a própria agência, as agências pegaram coisa para mostrar: “olha, esse tipo de coisa assim, sabe”. Mas eu acho que no fundo... mesmo as ruins que eu achei, ou as boas que eu achei, acho que elas tiveram o mesmo nível de mobilização porque, na realidade, hoje, qualquer chamada para campanha de vacinação, a população vai.

LM - Hum, hum.

IF - Apesar de já não ter mais o risco da pólio, quer dizer, o risco, o problema da pólio, risco tem, a população vai, continua acreditando. Então, eu acho que esse é que é o...

AB – Dá um exemplo de uma que você considerou boa. Você achou que chegaria na..., bem...

IF - A da Xuxa, a da Xuxa foi espetacular, porque foi no auge daquela música dela que todo mundo cantava, “tá na hora, tá na hora...”

LM - “Tá na hora de cantar” é...

IF - Ela cantava, “tá na hora de vacinar, tarara...” Aquilo foi assim, pegou...

AB – E era “pula, pula, pólio, pólio”.

IF - Era, e tinha, era ela... Eu participei da gravação, foi aqui no Instituto de... no porto, bem aqui na... Eu participei da gravação, foi um dia inteiro para gravar aquela “merreca” desse tamanho.

LM – É.

IF – E... ela exigiu alguém do Ministério da Saúde para ver se ela estava pegando certo no tubinho de vacina. “Eu vou, pronto, para Xuxa eu vou”. E aí foi o dia inteiro ali e, realmente, ficou bonito, ficou a imagem dela cantando a música, aquela música estava forte naquela época, não é?

LM – Muito brilhante.

IF - E tinha embaixo, isso foi idéia do Darlan Rosa, umas bolinhas e o “Zé Gotinha” pulando em cima das bolinhas assim, “tarararara” e ia aparecendo a letra da música embaixo.

LM – A letra da música.

IF - E era o “Zé Gotinha” pulando, fazendo piruetas e batia nas bolinas, então, aquilo ficou uma graça, entendeu? Ficou uma graça, ficou muito bonito.

LM – Hum, hum.

IF - E eu gostei muito também quando os... os jogadores de futebol fizeram...

LM – Ronaldinho.

IF - Uma coisa muito espontânea, mas mesmo antes, nós pegamos o Zico, pegamos Sócrates...

LM – Essa eu não me lembro, não.

IF - Campanha de 82, eles fizeram, porque a seleção estava indo jogar na Espanha, então o Zico falou, o Sócrates falou, e era uma coisa muito espontânea. E o Sócrates ainda falou: “olha, eu estou falando como..., além de estar falando como pai, eu sou médico também”. Sabe, foi um negócio legal assim...

LM – Ratificando, né.

IF - É, então foi legal, porque era uma coisa que eu achava mais espontânea, não era aquela coisa assim, alguém vai lá falar meio quadradão... Essa de 82 eu gostei dos...

LM – Hum, hum.

IF - ... dos jogadores, foi muito legal.

LM – Certo.

IF – Agora, a da Xuxa ficou linda porque ficou plasticamente bonita.

LM – É.

IF - Aquela música e o bichinho lá embaixo, o “Zé Gotinha” pulando, era... Aí na última, quando eles acabam, ele escorrega da bolinha e cai assim do lado, ficou lindo aquilo, ficou lindo!

LM – É, legal.

AB – E aí tem o Darlan também.

IF - Claro, ele que inventou de botar o bichinho ali embaixo.

AB – Botar ele...

IF - Um barato.

Fita 3 – Lado A

LM - Fita três.

AB - E aí, você falou muito para gente, mas eu queria só pegar assim, como é que era na prática a relação com o PNI e o GT-Pólio. Era uma grande equipe?

IF - Claro. Eu era o responsável de continuar fazendo vacinação e o Milton, na época, depois entrou mais um, mais outro, de tomar conta da... Claro, que de vez em quando ele, ele me acionava a ... “o negócio tem que fazer assim, o negócio, tarara...” Tudo bem, mas era só..., a gente só não estava na mesma sala, mas era porta a porta, a equipe dele, aquilo que eu falei, a ênfase era na mudança...

AB – Na mudança da epidemia.

IF - A vigilância tinha que ser muito mais..., ela tinha que estar lá na frente, tinha que estar com..., chegar antes, então teve um monte de mudanças, né? E nós, nós continuamos com as campanhas, a nossa responsabilidade era... que é difícil, às vezes até, porque você consegue, consegue um patamar assim, é difícil, mas mais difícil é você manter, é um horror.

AB – Hum, hum.

IF – É um horror, porque o sistema de informação também, porque nas campanhas, o que é que a gente fazia? A gente montava uma central lá no palácio, no palácio, no ministério, eu ia para lá desde o início do dia anterior, botava 4 a 15 telefones em cima da mesa e ficava lá; eu

chegava às vezes seis e meia da manhã, no máximo sete horas e começava a ligar para todo os estados: “E aí, está chovendo? “ Essa coisa... “Ih, aqui está um temporal e agora?”

AB – Aí você ia lá no quadro...

IF - Exato. Deixava, quando o Milton chegava lá pelas dez horas ...

AB – Botava lá, está chovendo em tal lugar.

IF - Tal lugar, está dando problema assim, daqui assim para lá, para não sei o que lá, tal, tal, tal tal. O quadro da primeira entrevista, e recendo por telefone, a gente estabelecia um horário pela manhã e dois horários pela tarde para eles passarem por telefone; depois, durante a semana, eles passavam os boletins etc., etc. Mas ali, no dia, eu queria, tinha a imprensa lá o tempo todo, e a imprensa: “falando aqui diretamente do quartel general da pólio...”; também está chamando para quem ainda não foi, ir. Então era..., também a gente usava isso. Aí o ministro dava entrevista de manhã, depois, no final da tarde lá, falava cheio de..., serviço, porque a gente ia pegando os detalhes, dá detalhe, dá coisa que aconteceu aí, tem um carro captou... O ministro: “infelizmente um carro captou...” Que dizer, dava toda uma demonstração de conhecimento de que a gente realmente tinha. Mas passava isso, não ficava só com a gente, entendeu ? A gente ficava “tum, tum” o tempo todo, até..., conta coisa pitoresca, conta..., contava tudo, tudo que você tem que falar para a gente... E essa equipe dos estados se mantiveram muitos anos comigo. Por exemplo, a Madalena, em Recife, acho que desde de, de 80 até depois de... Eu saí e a Madalena ficou lá em Recife, que dizer, então manteve o grupo, entendeu?

LM – Entrou década de 90, né.

IF - O grupo manteve...

AB - Não teve rodízio de equipe.

IF - ...a menina de Piauí, a menina de São Paulo, Rio de Janeiro é que mudava um pouco, a Bahia se mantinha, então, essa relação nossa já era para lá de..., de... Não é coordenador nacional para coordenador estadual, já era de... uma relação assim de amizade, a gente..., todos, depois de todas as campanhas, a gente fazia uma reunião, um mês e meio depois, para avaliar o que é que deu e o que não deu, todos os coordenadores estaduais para fazer um ajuste e era uma festa, era uma festa, todo mundo se via, aquela alegria e tal, e muita gente ainda está por aí em alguns estados, era uma coisa impressionante. “Pô, ainda existe” (incompreensível), que nem o Moreira de cabelo branco, assim mesmo, eu já vi aquele pessoal 21 anos atrás, que dizer, não é nada, não é nada, são 21 anos .

AB – Muita coisa .

IF - É coisa à beça, né? É uma vida, meu filho tem 21 anos .

AB - É uma vida . Você falou uma coisa no..., no fax que, no e-mail que você me mandou, que eu fiquei super curiosa, você participou da busca ativa da pólio no México .

IF - Que maravilha! Eu fui premiado, me mandaram para Cancun.

AB – Pois é...

IF - É mole?

LM – Para Cancun. (risos)

AB – Quem te mandou?

IF – Não, porque a gente ajudava, o Silas sempre chamava o pessoal dos estados, dos países... “o México estava lá com algum problema assim, assim, assim”. Então ele chamava alguém da Argentina, do coisa, do Brasil, não sei o que lá, para fazer junto com o pessoal do país, um grupo tarefa para trabalhar junto, além de estar ajudando o país.

AB – Em função das campanhas.

IF - Das campanhas e da erradicação, isso aí foi para erradicação. Então, vê, não é uma coisa separada, tanto é que eu foi fazer uma coisa num grupo de erradicação, a gente sempre trabalhou junto, então nós fomos a... Nessa do México foi eu, Fernando Laender e tinha mais um brasileiro que eu não lembro quem era, tinha lá um argentino, tinha um cara do Haiti e tal, se juntava a turma do México, aí fazia aquele grupo, tem que fazer justificativa em 4, 5 lugares. Então, ia eu com um mexicano, o Fernando Laender com outro, e aí estava lá, era aquilo, “ah, não! Esse negócio não. Quem é que vai para onde”. Porque tinha Acapulco, Acapulco não, tinha Cancun, tinha não sei o quê, aí nós quisemos fazer sorteio para ninguém se prejudicar, e eu foi sorteado para Cancun. Fazer o quê?

LM – (risos) Que chato, né, Ivanildo.

IF - Passar lá mais de 10 dias, com tudo pago... com tudo pago.

LM – Pago (risos).

IF - Também tem isso, o Fernando Laender pegou uma maravilha. Vocês conhecem Fernando Laender?

AB – Não.

IF - Trabalha aqui também.

AB – É.

IF - Ele pegou Barra Califórnia, que é um lugar muito pouco explorado no México, mas é uma coisa mais linda.

AB – Que lindo.

IF – Sabe, o México está aqui, tem uma pedrinha aqui assim.

AB – Um eixozinho.

IF - É ali. É uma coisa mais linda. Ele voltou de lá parado, e é realmente maravilhoso, agora é que estão começando a falar e tal. Então tinha essas coisas que a gente ajudava, como também vinham alguns estrangeiros, eu recebi várias, eu recebi pessoal do México para ver campanha de vacinação aqui, viajou com a gente, ficou junto com a gente, no dia da campanha ficou um em cada lugar junto com a gente lá no dia nacional, então, eles vinham também de outros países para ver.

AB – E esse intercâmbio com outros países você também teve pela questão do PNI, dos laboratórios, né?

IF - É claro, é claro.

AB – E você deu uma referência você como coordenador, reuniões de coordenadores da imunização nas Américas.

IF – É, todas essas pastas aqui, você pode ver, cada uma dessa era num país, cada dessa, cada pasta dessa era uma reunião dos coordenadores de imunização de um país...

AB – Num país.

IF - Em um país.

AB – Aí vocês aproveitavam e conheciam a estrutura do país e...

IF - Também, também, claro. Cadê? Vamos pegar... Rio de Janeiro, essa foi aqui já. Tem várias, eu tenho um monte dessas pastas aqui. Isso aqui a gente ia..., essa pasta aqui é outra,

essa aqui é Buenos Aires, essa aqui eu estava lá, em 88, vou pegar aqui a lista de nomes, eu estou lá .

AB - Essa foi aonde?

IF - Buenos Aires.

AB – Em Buenos Aires em 88?

IF – É, mas a gente fazia..., várias, várias, em Washington, foi várias, aqui no Brasil teve também. E o Ciro sempre fazia questão de, pelo menos uma vez por ano, Ciro era o coordenador do PAI na OPAS, PAI é Programa de Imunizações, que é o nosso PNI, então ele era o coordenador, vamos dizer assim, pela OPAS do continente, ele não coordenava país, mas ele tentava fazer toda uma facilitação, apoio e tal. E ele fazia sempre que podia, basicamente ele conseguia fazer uma vez por ano, mas às vezes não dava uma vez por ano, mas ele sempre reunia todos os coordenadores de imunização para trocar coisas, se reunir em Washington por dois dias, a gente discutia, tal, o que um avançou, o que o outro não avançou, o que um parou e que o outro, que país pode... Então era uma coisa boa o que ele fazia, realmente...

AB – Então no *boom* da erradicação pensar essa estruturação de pessoas.

IF - É mesmo antes, mesmo antes.

AB - Mesmo antes.

IF - Mas aí ele manteve, aí depois com a erradicação esses grupos, os grupos de erradicação dos países se reuniam sempre, porque ...

AB – Sempre.

IF - ...porque não era mais erradicar no Brasil, era erradicar no continente, então o Paraguai tinha que andar na mesma velocidade da gente, a gente tinha que andar na mesma velocidade que o México, a gente tinha que andar igual ao Equador, o Equador tinha que andar igual ao Uruguai, então foi, essa coisa tinha que ser muito mais estreitada, não é? Porque o vírus não parava na fronteira, “opa, aqui no Brasil, eles não...”. Não, passa...

AB – “Aqui eu não entro não, aqui eu não posso entrar”.

LM – É, exatamente.

IF - Então o trabalho foi muito, muito forte deles, muito forte mesmo, porque um continente desse, não é brincadeira não. É aquele trabalho de pesquisa em esgoto de não sei o que, tudo... Foi o que eu te falei, foi muito forte após erradicação ou, após a proposta de erradicação, a mudança na vigilância, o pessoal se capacitou, foi muito bom, realmente foi muito bom.

AB – É, só para fechar com relação as campanhas...

IF - Fecha.

AB – Para a gente passar para conversar um pouquinho da UNICEF, para a gente entender esse papel lá, como é que você acompanhou a pólio depois de 90, e se você acompanhou...

IF – Claro.

AB - ...E, e como foi isso. É, as campanhas, como a gente conversou da primeira, você deixou..., era uma estrutura que tinha que estar super descentralizada porque não existia base, né?

IF - Isso.

AB – E como é que foi essa progressiva descentralização?

IF – Oh, eu achei muito fácil, por quê? Porque, aonde é que acontece a vacinação? É lá naquele postinho lá, seja onde for, ou num bairro aqui de Bonsucesso ou num município lá no Caixa Prego, é lá que acontece.

LM – É.

IF - E as pessoas se apropriaram muito rápido da..., da..., da tecnologia, que é simples, mas não deixa de ser, né? Você dá conservação, dá técnica de aplicação, dá... Então, foi, eles... foi quase, quase tomado, porque isso é nosso, nós estamos fazendo isso... Por quê? Porque deu resultado, quando dá resultado a pessoa se sente, se satisfaz, se sente responsável, feliz.

AB – Competência.

IF – Então, eu acho que a descentralização foi muito, muito assim, foi quase que: “não, deixa comigo”. Sabe, “deixa que eu faço”. Quer dizer, tem que ter a coordenação tanto a municipal, como a estadual, como a nacional, tem que ter, não dá, porque tem que ter todo um sistema de ida de insumos e a volta de resultados, bem como aqueles “pepinos”. Lembra quando eu falei em Campo Grande que o Fernando Gomes falou que estava mandando um avião que não chegou até hoje?

AB – É.

IF - Além dessa lição de, “remaneja antes de gritar”.

AB – Hum, hum

IF - Teve outra, você pode perguntar, a partir de agosto de 80, no segundo dia nacional até o dia que eu fiquei lá no Ministério da Saúde em 90, tinha dois aviões da FABE aqui no Galeão, a disposição. Se alguém falar, eu não vou mentir doutor Fernando, eu vou mandar esse avião, estou certo?

LM – (risos) Está lá, um avião está lá.

IF - Um de pequeno porte para cobrir mais rápido menor quantidade, e um, um pouco maior, para subir até amazonas, não sei o quê, estava aqui, o caminhão da central de distribuição no aeroporto com a vacina e os pilotos só decolavam com ordem minha.

LM – Hum hum.

IF - No dia anterior, eu recebia um telefonema da aeronáutica, tenente-coronel fulano de tal, tenente-coronel fulano de tal, assim, assim, telefone tal “prerer, prerer”, estão lá na base de plantão; estava aqui no galeão, e o nosso caminhão também, e já... e usamos, usamos até para não falar que usamos, mas usamos, usamos.

AB – Usou.

IF – Decola, tchau! E foi, quer dizer, também é... a lição do Fernando que me “sacaneou”, que mandou, mas não mandou. Eu falei, não vou fazer isso com os outros, vou mandar mesmo! Não, se você pensar bem, podia haver uma necessidade.

LM – É lógico. Tinha que estar tudo previsto, né?

IF - E a aeronáutica adorava, adorava, ficava aí, no final da tarde ligava o tenente-coronel pedindo dispensa, que não sei o quê, se podia recolher... “Pode”. É mole? Até parece, né?

AB - Maior correria. E aí nós temos 90, que é um momento de mudança grande no Ministério, né? Você tem extinção da SNABS, você tem a extinção da Fundação Nacional de Saúde...

IF - SESP, SUCAM.

AB - SESP junto com SUCAM. E aí é nessa confusão que você sai.

IF - E essa furada... É, por quê? Porque ia entrar... Eu falei que eu não ia trabalhar no governo Collor.

LM - Hum, hum.

IF - Eu sou seguidor de Estado, sabe, sou seguidor público, eu não trabalho por um governo do presidente a, b e c, eu trabalho para o Estado brasileiro desde que essa coisa não me... não me incomode.

LM - Não fira a sua integridade, a sua ética.

IF - Aí eu falei, não, com o Collor eu não trabalho não.

LM - Com o Collor é complicado.

IF - Aí eu pedi demissão do PNI no dia..., na véspera dele tomar posse, no dia anterior eu falei, “eu quero a minha demissão no jornal, no diário oficial um dia antes, eu não quero passar um dia com ele presidente e eu sendo funcionário dele”. (risos)

AB - Não quero que ele assine a minha dispensa.

IF - Isso, também, aí eu foi dispensado pelo Senio Suzuk?, que era o ministro, um japonêsinho, Senio Suzuki?, e saí, aí...

AB - Aí que você tem o vínculo com a Fiocruz?

IF - Não, eu vim para a Fiocruz desde 80, porque o..., na equipe, não sei se conta no contrato, acho que conta, da equipe...

AB - A gente desliga só para a gente entender.

IF - É, só para você entender então.

(INTERRUPÇÃO)

AB - Aí então, você conseguiu não trabalhar direto com o..., sob a chefia de...

IF - Isso.

AB - ...de Collor e foi quando apareceu o convite da UNICEF...

IF - O John Denorio?, que era o representante da UNICEF no Brasil naquela época, ele gostava muito de mim, ele chamava a UNICEF toda hora para fazer palestra lá para os funcionários dele, para não sei o que, “papapa, papapa”..., jantar na casa dele. Ele gostava de mim, do trabalho que a gente fazia, ele vivia com Risi, foi um grande parceiro do trabalho do Risi, e ele sempre falava para o Risi que gostava da equipe do Risi, não sei o que, que gostava muito de mim, não sei o que; aí quando ele viu que eu ia sair, ele falou: “vai sair mesmo?” Eu falei: “vou”. “Vou abri um posto pra você”. Olha, um posto de gasolina, alguma coisa ...

B - (risos)

L - (risos)

IF - Aí ele abriu um posto de oficial de projetos, na área de saúde e fez anúncios, também anunciou no jornal tal, mas aí ele me contratou, ele queria que eu fosse e aí me mandou para Salvador.

AB - Tá. Antes da gente falar de Salvador, a gente já vai falar dela, falar um pouquinho para a gente qual o papel da UNICEF nas imunizações no Brasil?

IF – Olha, gozado, né? Eu foi parar lá dentro e eu sempre questioneei o papel deles com a gente, porque a UNICEF, eu não sei como é que vocês vão traduzir isso, mas é a maneira que eu sei me expressar, ela é planfetária .

LM – Planfetária.

IF – Não é? Ela, “papapa...” Agora..., nada, ela sabe fazer barulho, ela tem um nome, então ela usa essa coisa e tal. Mas, por exemplo, eu sempre lá dentro eu discutia muito sobre esse negócio “criança esperança”.

LM – Hum...

IF - Pega 10 milhões de dólares sim, e bota em 50 mil projetos, quer dizer, da nada para ninguém.

LM – Nada para ninguém.

IF - Não concentra, não faz..., pulveriza assim e fala que fez, faz... Então, essa coisa é difícil, entendeu?

(Telefone toca – INTERRUPÇÃO)

IF - Questões, mas como eu estava saindo, eu ia para onde? Diga mesmo, voltar para Fiocruz? Tudo bem, era o meu destino, mas aí não..., um bom salário, uma perspectiva de trabalhar num organismo internacional sempre é bom, você se capacita, você conhece outros mecanismos e tal. Então eu fui, mas eu sempre fui muito crítico, sempre, sempre, acho que é por isso que eu não fiquei lá.

AB – Agora, da UNICEF com a questão da pólio, com a imunização...

IF - A UNICEF ajudou, mas não tinha a..., foi muito superficial.

AB – Era diferente do Rotary, era completamente diferente, o papel que o Rotary teve foi um papel mais forte ou não?

IF – Isso, você vai me botar numa situação danada, porque eu também bati a “lula no rodo”, porque vem para cima de mim com 6 milhões de dólares, 1 milhão por ano, é absolutamente nada! Absolutamente nada para quem gastava não sei quantos “zinhões”; 1 milhão, e eles exigiam que comprasse vacina com esse dinheiro. O Brasil não precisava de dinheiro para comprar vacina, tinha no orçamento; se eu tirasse 1 milhão do orçamento para botar 1 milhão do Rotary, o que acontecia? No ano que vem eu não ia ter aquele meu 1 milhão, e o dia que o Rotary fosse embora, quem é que ia tampar o buraco ali, “ó cara pálida”. Então a gente não queria esse dinheiro, então a gente negociava ...

IF - Infra-estrutura de repente...

IF - ...deixa em comprar geladeira, deixa eu comprar...

LM – Isso, rede de frio.

IF -... Deixa comprar caixa térmica, são coisa mais difíceis para o pessoal comprar, e quando compra, acaba a geladeira indo para o gabinete do secretário ou para o gabinete do prefeito ao invés de ir para o posto. Então seria, “não, não pode, não pode, não pode”. Só que eu comprava. “Me engana que eu gosto?”. Então tá, então vou te enganar, não quer saber da verdade, e agente comprava daqui, dali, e eles continuam achando que a gente comprou vacina, mas... se não precisava e não era nada, não ia empatar nada .

AB – Ia criar um problema orçamentário para frente.

LM – É, para o ano que vem.

IF – Então, o Risi muito político, tal: “não, claro e tal”. Então ele fazia um jogo lá com o pessoal, armava com o planejamento, que aquele dinheiro entrava, mas não entrava; entrava no orçamento, mas sei lá como é que fazia, fazia um destaque para cá, um destaque pra lá, e a gente comprava esses insumos. E eu sempre achava que seria muito melhor para eles admitir um negócio desses e falar: “não, olha, tem lá o estado tal, a gente podia equipar o estado inteirinho com rede de frio”. E falar: “esses estado é nosso e esse é seu, você que fez”, do que dizer que deu 1 milhão para comprar vacina, que naquele orçamento todo era muito pouco, mas era a política dele e dizer que doavam as vacinas para todos os países...

AB – Tinham também uma política de participação deles...

IF - Doavam para o Brasil não, mas vai desmentir, entendeu? Vai desmentir.

AB – Agora, tinha um outro lado também da participação dos rotarianos e da estrutura deles...

IF - Eu comi muita maionese com frango assado naquelas reuniões..., é terrível, mas eles trabalhavam, claro, eles tem uma liderança nas comunidades.

AB – Nas comunidades.

IF – Eles têm, mas só que a liderança deles é um pouco diferenciada, concordam?

LM – Hum, hum.

IF - Mas eles trabalhavam, quem é que trabalhava mais deles, que era um pessoal muito legal, eram os rotarates, que chamam rotarates, são os filhos dos rotarios, são jovens, esses eram mais ativos porque iam, gostavam da comunidade e tal. Mas claro que eles mobiliza, são grandes empresários, eles facilitavam...

AB - Sei.

IF - Em alguns municípios eles bancavam o almoço de todos os..., os vacinadores, então, tem...

AB – De alguma forma.

IF - Mas outros também, Lion também, etc., etc., etc.

AB – Isso, também tem outros.

IF - Só que não teve essa participação financeira, então, “puss”, desaparece, não é? E o UNICEF também, o UNICEF é um..., o recurso do UNICEF é muito pequeno, então, a UNICEF nas campanhas dava muito apoio moral, ajudava a mobilizar, o “Zé Gotinha” foi pago, os honorários do Darlan Rosa, por exemplo, foi pago pela UNICEF para ele produzir o símbolo do PNI. Pô, é uma cooperação, claro, mas nada assim, que se não fizesse a gente estava “lascado”. Mas é .

AB – É. Mas, é essa coisa de querer, né, descobrir quem eram esses parceiros, quem estava aonde, né?

IF - E parceiro, claro que é parceiro, o John viajava com o ministro para falar da campanha, que dizer, e falava nos..., a UNICEF emprestava o apoio, o símbolo, e a população conhece a UNICEF, acha assim, oh... Então ajuda, sempre ajuda, não prejudica, é claro, mas como recurso não era... grande coisa, fizeram isso que eu te falei, pagou o coisa para fazer isso. Foi bom, porque para a gente pagar uma pessoa dessa para fazer isso é uma complicação danada, ia ter que passar dinheiro de um para outro, outro. Então essas coisas sempre facilita, a gente precisava fazer uma impressão rápida num manualzinho lá que ia demorar 6 meses fazendo solicitação, eu pedia “Salvador de Sá manda aqui”. Eles mandavam para imprimir, aí botava também “Puf! Apoio UNICEF”. Tudo bem, mas fazia, então... essas coisa assim, que ajuda.

AB – É dessa forma que dá para ajudar. Eu estava olhando no resumo que o você mandou, desse seu papel de oficial de projeto lá na Bahia, em Salvador, uma das questões mais

destacada assim, é prestar assistência ao estado do nordeste e ao próprio ministério nos dias nacionais de vacinação.

IF – É, eles me pediam.

AB – Não é?

IF - Meu, meu... aquele *personal history*, *personal history* não, o *job*, *job description*, tinha isto.

AB – Você estava lá com a Cristina...

IF - Eu fui para o nordeste com a minha turma toda. Não, e com a minha turma lá ajudava e ajudei bastante e... vinha sempre à Brasília, porque quem eu fiz a minha sucessora, a Isabel Cristina Aparecida Estefano.

LM – Hum, hum.

IF - Que veio a ser depois a presidente da FUNASA. E... então, eu ia para Brasília, ficava uma semana lá com ela ajudando, não sei o que, ela retomou a multivacinação como geral e obrigatória em todos os locais, aí eu ajudei a desenvolver isso, ajudei lá no nordeste e tal. Então, eu continuei, só que basicamente eu não era coordenador de nada, eu virei um assessor... bem pago, a UNICEF pagava muito bem.

AB – E você está ali vivendo ainda as campanhas, vivendo e acompanhando a pólio.

IF – É, é.

AB – Porque aí você já está no momento...

IF - É claro, claro.

AB - É 89.

IF – Claro, eu tinha outras coisas para fazer lá em Salvador, mas era... muito pouco. 89 foi o último caso, março de 89, eu estava lá ainda, não é? Mas, a..., a..., tem outras coisas que eu fazia mas era muito pouco, mas eu apoiava a nível de nordeste e a nível nacional.

AB – Era mais nas campanhas, continuava nas campanhas a nível nacional.

IF – Vinha, ficava uma semana lá com Isabel, ajudava tal, tinha um orçamento, botaram no meu projeto um orçamento, eu ajudava bastante a produzir material etc. Depois quando eu vim para Brasília abriu, quando eu voltei para Brasília para trabalhar com AIDS, com o “diabo” aí, abriu bastante .

AB – Aí já abriu mais o universo.

IF – É, em 94 teve uma situação, quando eu já estava em Brasília...

AB – Pois é, você ficou a disposição do Ministério, fala como que foi isso.

IF - Foi, foi o ministro Henrique Santilo, era ministro da Saúde, Álvaro Antônio de Melo Machado, o atual Secretario de Saúde de Alagoas, que a Cristina trabalha com ele, Álvaro Machado era o presidente da FUNASA, e teve um indisposição qualquer lá e ele mandou embora o coordenador do PNI, faltava um mês e pouco para campanha. Aí ele não sabia como fazer, ele achou que eu indo lá, ia ser mais fácil para mim recolher os “cordãozinhos” e puxar, do que botar uma pessoa qualquer. Aí o ministro foi falar com o presidente do UNICEF e me pediu emprestado para duas campanhas...

LM – Hum, hum.

IF – Então, eu fui para lá no comecinho de junho e voltei no final de agosto...

LM – Agosto.

IF - Mas pago pela UNICEF, aí eu coordenei as campanhas de 94. Foi um barato, né? Eu falei, como é que eu vou fazer? Aí eu pedi para a secretaria lá, “me dá a lista dos coordenadores de

imunização”. Quando eu comecei a olhar... eu, todo mundo, a mesma coisa. Aí falei: “está fácil, né? Aí comecei a ligar um por um, “oh, onde é que você está?” “Estou aqui, vou coordenar essa campanha” “Ah! que legal!” Aí pronto, foi facinho, foi... Não fiz nada, foi só falar que estava lá e vai embora povo. Mas isso, porque teve...

AB – Você já tinha uma estrutura que foi montada.

IF - A maioria, acho que dois ou três só que eram diferentes, então foi legal, eles aceitaram fácil um novo coordenador, porque eles ficaram muito, muito chateado com a saída da... Esqueci o nome dela, ela era coordenadora de imunização de Goiás, foi trabalhar lá, acabou sendo a coordenadora nacional e o Álvaro brigou com ela, teve um problema qualquer e a demitiu.

LM – Goiás, quem?

AB – Carmeloto?

IF - Carmeloto, isso.

LM – Maria Cristina Carmeloto.

IF - Maria Lúcia Carmeloto.

LM – Maria Lúcia Carmeloto.

IF – Exatamente, então, quando a Carmeloto saiu, os outros coordenadores ficaram muito abalados porque, além de ser colega de coordenação de estado, que chegou lá, foi embora; então estava todo mundo meio assim, porque isso que o Álvaro falou assim: “Pô, quem é que eu vou bota aí? Vai da caca, né?”

LM – Hum, hum.

IF - Aí ele lembro que talvez eu pudesse ajudar, e deu, porque todo mundo...

AB – Legal.

IF - ...ficou mais..., não caiu nenhum pára-quedista nem um sacana lá para encher o saco “blá, blá, blá”.

AB – E, uma pessoa que não tivesse conhecimento...

IF - Chegou (incompreensível), o parceiro velho lá, então... (pigarro) O Álvaro é danado, o Álvaro é uma figura, ele passa, lança tudo direitinho, sabia que isso ia acontecer, por isso até... Então foi fácil, quer dizer, fácil, foi legal, eu liguei para todo mundo e todo mundo relaxou, porque teve mesmo uma revolta e todo mundo paralisado, pedi para colocar campanha, fazer meio tartaruga e tal, porque uma colega tinha sido demitido lá por razão..., sem razão, não vamos entrar nisso, aconteceu, então, por isso que eu fiquei lá nesses 2 meses...

AB – Nesses 2 meses.

IF – E aí foi o... os dois meses piores... Não, dois não, foi junho, julho, agosto, os três meses piores da minha vida; no segundo dia que eu estava lá, eu recebo um telefonema que a minha filha, que vai fazer 18 anos agora dia 14, é 14 que vai fazer 18 anos...

AB – Junto com Eduardo.

IF – É?

AB – É.

IF - Vai fazer 18, ela..., a empregada ligou dizendo que a mãe tinha levando para o hospital com apendicite; era apendicite coisa nenhuma, foi um problema seríssimo! Ela ficou 3 meses

e sofreu 6 cirurgias, e eu lá com as campanhas, não sabia se eu largava tudo e ficava com a minha filha, se eu... era uma loucura .

AB – Nossa.

IF - Esses 3 meses foi um horror, um horror.

LM – Período complicado.

AB – Não vai querer falar deles. E tem..., esse momento assim de 90, 93 até ter essa certificação em 94 da erradicação, é um momento onde você tem um processo de certificação, né? Então tem um maior número de estudo, né? Você tem ...

IF – É, mas aí, quem segurou isso foi o pessoal da erradicação.

AB – Pois é, o pessoal da erradicação. Mas tem aqui uma coisa que você estava apoiando as atividades de erradicação pela UNICEF.

IF - Claro, claro.

AB – E aí, como é que? Como é que você viveu, você participava das reuniões...

IF – Por que... Mas isso era uma coisa que eu consegui, claro, porque eu consegui. Porque quando eu já estava em Brasília, eu não conseguia... me desprezar disso...

AB – Desligar.

IF - E eu tinha conseguido um dinheiro da Alemanha, era um projeto qualquer lá, ganhei uma grana que aí eu falei..., eu tinha que fazer um projetinho para aquilo e eu “pimba!” Botei.

Quem é que estava na época coordenando a erradicação?... Não estou lembrado agora, mas tinha lá um colega aqui da “tchurma”, roda, roda...

AB – O Helvécio Bueno.

IF - Foi o Helvécio Bueno, exatamente. Falei: “Helvécio, tem um grana aqui que eu posso ajudar em viagem, em contratar um estudo, eu posso..., vamos nessa”. Então eu fiquei participando um pouco assim, nesse apoio e vivenciando um pouquinho; mas o Helvécio é um cara muito determinado, não sei se você conhecem ele...

AB – Ela conhece.

LM – Hum, hum.

IF - Então ele pega o negócio assim e ...

LM – Vamos lá, vamos fazer .

IF - Então não dava, não dava para entrar muito que ele vinha com a reduzida dele lá e faz “rup!”, mas a gente acompanhou e ajudou, com certeza. Mas assim, nada..., se não tivesse feito não ia acontecer, claro, só ajudou... facilitar alguma coisa que pudesse ter dificuldade, estava com esse dinheiro lá para poder ajudar, nada assim que, “se não tivesse feito isso não teria acontecido”, teria sido a mesma coisa e até melhor, isso é..., foi só para não conseguir ficar longe...

AB – Ficar longe .

IF - ... da encrenca ...

LM - (risos)

AB – Longe da pólio.

IF – Da vacina e da pólio, que é a vida da..., passou, né? Na vida da gente.

AB – Sei. A gente não tinha pensado em acompanhar a sua trajetória toda, até porque é impossível, né? Tem partes aqui que não ia dar para a gente dar conta por causa de ser uma entrevista mais enfocada em cima da pólio. A gente quer deixar um espaço, porque se tem um..., a gente tentou acompanhar a imunização e pólio para ter essa expectativa...

IF - Porque não dava, não dava...

AB - Não dá para separar as coisas.

IF - Não dá, não dá.

AB – E aí a gente deixa assim, um espaço possível, se você quiser fazer uma colocação dessa vivência da imunização e da pólio que a gente não tenha tocado...

LM – Tocado.

AB - A gente queria pegar muito com você essa vivência nas campanhas, que foi o que a gente pegou ...

LM – É.

IF - Deu, mas deu? Não está faltando alguma coisa?

LM – Para a gente é muito importante chegar...

AB - Para a gente não.

IF - Porque eu acho que eu foi também muito, muito resumido, quer dizer, embora ter falado muito, o que acontecia, vocês não podem imaginar o que acontecia, tinha de tudo.

AB – Pois é, se tem mais coisa, você coloca para gente.

IF - Sei lá! É tanta coisa que a gente não... Tem coisas pitorescas...

LM – Alguma parte interessante...

IF – Não, tem coisa pitoresca nessa história do Mato Grosso do Sul, lembra que eu falei?

LM – Hum, hum.

IF - A gente passou...

LM – Voltou de carona.

IF - Isso. A gente passou por municípios, eu foi lá no posto de saúde e a vacina não estava lá, eu foi perguntar “cadê a vacina, cadê a vacina...” “Está na casa do padre” Pô! o padre trancou dentro do quarto dele a vacina; estava toda, toda, toda sem gelo, os..., os..., os conta-gotas tudo boiando assim, um horror! Tudo contaminado, tinha estragado tudo aquele negócio. Eu falei: “E agora? Mas você faz um negócio desse a essa altura?” Aí eu falei para o padre: “padre, você não devia ter feito isso, devia estar na geladeira assim, assim, assim”, “Ah, eu fiquei com medo, alguém podia roubar, não sei o que...” Aí eu falei para ele que ia providenciar uma vacina e assim que chegasse ele tinha que botar na geladeira, agora, para ele tomar cuidado porque ele poderia aproveitar aqueles conta-gotas esterilizando eles, né? Fervendo e tal. E aí quando eu mandei vir a vacina, depois a pessoa que foi lá falou que ele tinha jogado todos os conta-gotas na panela com água fervendo e deixou, quer dizer, ficou uma placa de plástico assim, derreteu tudo.

LM – Ah, que horror.

IF - Aí o cara falou, “mas, padre, agora o senhor não tem conta-gotas, não sei o que”. Aí ele chamou a população toda para a igreja e pediu, tem que começar a doar conta-gotas, conta-gotas de colírio, conta-gotas do que você poder imaginar. Aconteceu coisa assim...

LM – Nossa!

IF - ...do “arco da velha”, né? De..., de corre atrás de conta-gotas... Mas teve muita, muitos detalhes, não dá para lembrar.

AB – É.

IF - Muita coisa. Talvez a Cristina amanhã lembre, porque ela também, a gente viajou muito, a gente viu muita coisa. Eu escrevi, eu tenho que achar, eu escrevi o primeiro dia nacional de pólio, são 6 páginazinhas assim, datilografadas, e passou na cabeça que eu estava em Mato grosso, porque aquela história é um “saco”, aí tem essa história do padre...

AB – Do padre.

IF - Tem a história do prefeito com a perna quebrada que ficou com a...

Fita 3 – Lado B

IF - ...É não deixava ninguém pegar naquilo, ele queria abrir a campanha de manhã, claro, para a população, era o prefeito.

AB - É claro.

IF - Eu lembro, era uma Brasília amarela, ele com a perna para fora da janela da Brasília assim, com..., engessada com caixa, mas está aqui, não ficou nada, isso aqui está seguro. Tá bom. Fazer o quê?

LM - (risos) Com certeza, né?

AB - E aí quando abriu era a tentativa de tirar dele e botar no posto de saúde, mas...

IF - É, não, mas não teve jeito. Mas estava tudo arrumadinho.

AB - Estava?

IF - Estava, estava, tinha auxiliar de enfermagem lá que ele: “não, ela vem toda hora aqui tirar a temperatura”. Tem essas coisas, aconteceu, é. Eu andei de carro roubado de montes também lá em Pontaporã, em Mato Grosso do Sul, tem essa história... Ah, não! Tem a história do búfalo, gente do céu, nós quase morremos! Porque estava tudo atrasado para distribuir a vacina lá no Mato Grosso do Sul, e aí eu fui lá na base, tem..., lá em Campo Grande, e eles nos deram um búfalo, sabe aquele avião que desce em qualquer canto, né? Campo de futebol, de árvore... Só que eles não contaram que o búfalo estava com probleminha de..., quando nós enchemos aquilo de água, aquele búfalo de..., de... de vacina, fui eu e Tânia Galeves, Tânia Galeves era da coordenação estadual, hoje é secretária municipal de assistência social lá em Campo Grande, e saímos para 5 ou 6 municípios distribuir vacinas, aí chegamos em Pontaporã, o avião deu pane, nós entramos no mato a dentro, foi “pun...” no avião... (risos)

LM - Nossa.

IF - Aí tivemos que dormir lá para eles arrumarem o avião, e aí eu tive que pegar mais uma vez carro roubado para levar vacina para Sangacuitan? e mais outros municípios que eu não lembro; e aí o avião ficou pronto ...

AB - E ainda deu para salvar alguma vacina, mesmo com esses pouso...

IF - Deu, não, a gente estava dentro do avião também .

AB - Pois é, vocês, graça a Deus, e as vacinas...

IF - Ah, deu, aí depois nós descemos num campo de futebol, (incompreensível) avião... no avião e fomos, e aí quando nós chegamos em Campo Grande deu pane total, aí pronto, não tinha mais flap, aquele avião desce tudo na base do flap, entendeu? Um flap enorme, aí não teve jeito, nós descemos em Campo Grande com ambulância do lado, bombeiro, o “diabo”, “schiii...” Aí quando parou o avião, era tenente-coronel Regis, foi parar lá no “diabo”, ele desceu e pediu para a gente esperar, levou a gente para uma sala lá no aeroporto, a gente tirou o macacão dele, aquele macacão do piloto, aí arrancou um negócio que tinha aqui e deu o macacão para minha amiga, para Tânia, ela tem até hoje, e para mim ele deu o distintivo do esquadrão dele, que anda comigo, porque se eu não morri naquela, se andar comigo, porque eu não vou morrer mais de avião .

AB – (risos)

IF - É o primeiro 15 de caçadores de Campo Grande, está vendo, é primeiro 15 que eles chamam .

AB – Ah...

IF - E era o que tinha no, no..., no...

LM – No ombro.

IF - No ombro dele.

AB – Foi a maneira dele de homenagear vocês por terem resistido.

IF - De não ter sujado o avião dele todo naquela explosão.

LM - (risos)

AB – De ter resistido.

IF - Ele deu o macacão para Tânia e isso aqui para mim, e eu ando com ele...

LM – O distintivo.

IF - ...desde junho de 80 que ele está aqui no meu bolsinho.

LM – Olha, que bom.

IF - Sabe lá, né?

AB - É .

IF - Sabe lá.

AB – Um amuleto e tanto.

IF - E aí a gente com as pernas bambas querendo voltar para o hotel, “não, nós já botamos as vacinas que vocês não conseguiram entregar em outro aviãozinho que já está ali, um monomotor pequenininho”. Fomos nós de novo e aí na volta o piloto era um cara da SUCAM, um conhecido, e ele falou assim: “agora tem uma homenagem que mandaram fazer para o senhor aqui...” Tem mais uns quarenta, uma hora de vôo .

AB – De vôo.

IF - A gente já voltando, disse assim: “ó, levanta esse banco aí, esse banco tem uma caixa de isopor com gelo e um litro de uísque...”

AB – Oh!

IF - Eu e Tânia tomamos esse litro de uísque nos 40 minutos de vôo.

LM - (risos)

IF - Chegamos em Campo Grande, eu não conseguia descer do avião...

AB – Doidão. (risos)

IF – “Pá”, caí a...

AB – Não, porque depois disso tudo ter que pegar outro avião...

IF - E monomotor... Pelo amor de Deus!

LM - É, pois é .

IF – Não, tem que ir... Tá bom, agora vai, não morri ali, não vou morrer aqui agora.

AB – É.

IF - Mas na volta ... (incompreensível)

LM – Rapaz, quanta aventura, nossa senhora.

AB – E esse é o barato da gente querer fazer a entrevista, porque os relatórios do PNI estão lá, eu pego, né? Mesmo escrevendo os 25 anos do PNI, né? A gente acha, mas essa vivência...

IF - Vocês tem aquele livrinho...

AB – Não, a gente não tem.

IF – Não, tipo uma brochura dos 25 anos do PNI.

AB – Dos 25 anos.

IF - A primeira foto ali, aquela criança é minha filha que tem 15 anos.

AB – Ah.

IF - A terceira foto é a minha filha que vai fazer 18 anos .

AB – Hum.

IF - Porque você pode ver ali naquele livro, quem escreveu aquele livro foi a Cristina, essa que veio hoje, então, ela..., ela não bota o nome de ninguém para dizer, João Batista Risi fez isso...

AB – É.

IF - O Ivanildo foi coordenador..., o nome de ninguém, ela homenageia as pessoas...

LM – Nas fotografias pelos seus familiares.

IF - É . E ela se auto homenageia ali, porque essa primeira foto e a quarta também é filha dela, é que nós fomos casados, eu e ela. Essas duas crianças são..., essas duas meninas são nossas, embora agora já estamos separados já tem um tempão. Mas, ela não bota o nome de ninguém, você pode perceber, de ninguém, não tem ninguém citado ali, depois daquele cronológico do PNI não diz quem era, quem não era, quem deixou de ser, porque se não, você acaba esquecendo alguém.

AB – É.

LM – É.

AB – Ou seja, marca pelas ações.

IF – Isso, isso.

AB – Pelas mudanças, pelas ações...

IF - Isso, e uma maneira de homenagear, cada criança que tem ali na foto ali, é filha de alguém que participou daquela “encrenca” ali.

LM – Legal, né?

IF – Da Aristel, Luize, do Rodrigo, do Milton, acho que tem do Elvécio, tem tudo lá, tudo, eles conseguiram ir atrás e foi uma maneira de...

AB – Hum, hum

LM – Quem é Rodrigo? Agora eu me perdi.

IF - Rodrigo trabalhou lá, mas nada assim...

AB – Trabalho, tá, isso.

LM – Esse nome não..

AB – Não tinha vindo...

LM – É, também não me é...

AB - Porque a preocupação da gente é acompanhar a trajetória da pessoa e perguntar e tal, mas tem esse lado de experiência que não vai estar em lugar nenhum...

IF - É

AB - ...porque está na cabeça de vocês. E aí, se você achar que...

LM - É, porque acaba fazendo (incompreensível) numa conversa, uma coisa assim...

AB - ...numa conversa. Se você achar essas suas seis páginas do Mato Grosso...

LM - Seis páginas...

AB - Você manda para a gente.

IF - Não, não, claro.

AB - Pintou uma coisa engraçada, se você puder botar num e-mail e mandar para gente...

IF - Eu tenho a biografia do..., do “diabo” do búfalo, eu tenho a biografia do “desgraçado” que quase me matou.

AB - Pois é, que essa história, né? Da vivência da..., da ...

IF - Não, essa daí, inclusive, eu falei para Dilene ...

AB - ... das campanhas, não tem como mudar.

IF - ...esses documentos todos que eu tenho, eu vou doar, porque eu não vou ficar, vai acabar estragando comigo.

LM - É. Mas a gente tem muito a agradecer...

IF - Eu tenho certeza que está lá, na tal da caixa, os primeiros ofícios que o Valdir, ele mandou para os governadores propondo as campanhas.

LM - Olha, que legal.

IF - Entendeu? Quer dizer, é um negócio que você não vai mais achar em arquivo do ministério porque já foi destruído.

LM - Já, com certeza.

IF - Não tem mais, não tem mais. Quer dizer, eu tenho, devo ter uns 2 ou 3 aí do governador, mas não importa, foram 14...

AB - É.

IF - Nós temos..., eu tenho com certeza o rascunho todo corrigidinho dos primeiros manuais de..., de treinamento de pessoal, quer dizer, é uma negócio legal.

AB - A história da vacina, acho que tudo é fantástico.

LM - Nossa senhora.

IF - É, é. Eu acho bacana

AB - E isso que a gente quer porque...

IF - Eu devo ter um boneco do “Zé Gotinha” lá em algum buraco.

AB - O manual se acha, mas essas anotações e essas vivências...

IF - Pois é, pois é.

AB - ...é que marcam as diferenças, né?

IF - Pois é, e esses manuais, a Cristina e a Laura é que botaram “pra quebrar”, elas que..., a gente fazia revisão e tal, então eu devo ter essas coisas assim escritas lá, riscado, bota isso, então, é legal.

AB - Claro.

IF - ...É uma coisa que... Isso eu tenho, tenho bastante coisa.

AB - A gente queria te agradecer pela disponibilidade que você teve...

IF - Eu...

AB - ...de trocar com a gente, de ...

IF - Obrigado, eu, poxa.

AB - ...da um pouco da sua trajetória aqui e da sua vivência

LM – Obrigada, Ivanildo.